



P. PORTO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO –
VIDA ECONÓMICA**

NUNO MIGUEL DA SILVA RIBEIRO

INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
MESTRADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS
2017

Versão Final (Esta versão contém as sugestões e indicações dos membros do júri)

Orientadora
Professora Doutora Clara Sarmento

P. PORTO

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO –
VIDA ECONÓMICA**

NUNO MIGUEL DA SILVA RIBEIRO

INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO
INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
MESTRADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO ESPECIALIZADAS
2017

Versão Final (Esta versão contém as sugestões e indicações dos membros do júri)

Orientadora
Professora Doutora Clara Sarmento

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de dedicar um agradecimento aos meus pais, uma vez que sem eles não teria chegado até aqui, nem seria, nem de perto nem de longe, o que sou hoje.

Além disso, quero ainda deixar uma palavra especial à minha namorada, que sempre me apoiou ao longo do processo de redação deste relatório e me inspirou com a sua fé inabalável no meu potencial.

Obviamente, quero também deixar uma palavra de agradecimento à minha orientadora, a professora Clara Sarmento, que fez tudo o que estava ao seu alcance para me ajudar, de diversas maneiras, a garantir a qualidade e a coesão do meu relatório.

Quero ainda agradecer a todas as pessoas que me acolheram no seio do Grupo Editorial Vida Económica, com especial ênfase para o Doutor Miguel Peixoto de Sousa, o Doutor João Luís de Sousa e a Doutora Joana Pereira.

Por fim, gostava ainda de mencionar aqueles que, apesar de terem entrado na minha vida há pouco tempo, me fizeram companhia nas longas noites de escrita e me incentivaram a manter-me firme na minha vontade: Emanuel Silva, Hélder Mendes e Rafael Aleluia.

Resumo

Neste relatório de estágio, analisarei as experiências decorridas ao longo do meu estágio no Grupo Editorial Vida Económica. No seu interior, analisarei, detalhadamente cada uma das tarefas realizadas por mim ao longo dos seis meses de duração do estágio. Estas tarefas incluem tarefas de revisão e tradução. Entre as tarefas de tradução, destaca-se a retroversão da obra *O Efeito Trump e o Brexit*, de Jorge Castela, que se estendeu ao longo de todo o estágio. A análise destas tarefas será ainda acompanhada por breves explicações teóricas relativas quer à disciplina da tradução, quer da revisão.

Abstract

In this report, I will cover the events occurred throughout my internship in the Vida Económica Publishing Group. I will analyze, in detail, each of the tasks completed by me throughout the six months of internship. These tasks included translation tasks and revision tasks. Among the translation tasks, one can highlight the retroversion of *O Efeito Trump e o Brexit*, a book by Jorge Castela, which spanned over the entire duration of the internship. These tasks' analysis will be accompanied by brief theoretical explanations related to both the translation and revision fields.

Lista de Siglas e Acrónimos

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AENOR	Associação Espanhola de Normas de Qualidade
CEN	Comité Europeu de Normalização
EN	European Norm (Norma Europeia)
IPQ	Instituto Português de Qualidade
ISO	International Standards Organization (Organização Internacional de Normalização)
LISA	Localization Industry Standards Association (Associação de Normalização da Indústria da Localização)
QA	Quality Assurance (Garantia de Qualidade)
QC	Quality Control (Controlo de Qualidade)

Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	v
<i>Abstract</i>	v
Introdução.....	1
1. O Estágio.....	4
1.1. A Empresa.....	4
1.2. Funções Desempenhadas.....	4
2. Tradução.....	6
2.1. Revisão da Literatura.....	6
2.2. Os <i>Softwares</i> Utilizados.....	15
2.3. Os Recursos Utilizados.....	18
3. Análise das Traduções.....	24
3.1 Tradução de <i>7 Habits of Successful Investors</i>	24
3.2. Tradução de <i>Macron Majority Gives His Reforms Momentum</i>	25
3.3. Tradução de <i>EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology</i>	26
3.4. Tradução de Entrevista Sobre Desastres Naturais.....	28
3.5. Tradução de Texto Sobre a Cidade de Numância.....	28
3.6. Tradução da Contracapa e Biografia do Autor do Livro <i>Inteligência Comercial</i>	29
3.7. Tradução de <i>The Most Expensive Classic Cars</i>	30
3.8. Tradução de <i>Venezuela: The Crisis Worsens Further</i>	32
3.9. Retroversão de <i>O Efeito Trump e o Brexit</i>	34
3.9.1 Sobre a Obra e o Autor.....	34
3.9.2 Análise da Retroversão.....	36
4. Revisão.....	47
4.1 Revisão da Literatura.....	47
4.2. Proofreading de <i>Inteligência Comercial</i>	56
4.3. Revisão de <i>Seja Livre, Sendo Dono de um Negócio</i>	58
4.4. Revisão de <i>Do Crime do Abuso de Informação Privilegiada (Insider Trading): uma Análise lus Dogmática, entre Sistemas e Jurisprudências</i>	60
Conclusão.....	63
Bibliografia Primária.....	65
Bibliografia Secundária.....	65
Bibliografia Secundária <i>Online</i>	66
Anexos.....	70

1.	Modelo de Revisão de Brian Mossop (Garcia, 2009)	70
2.	Modelo de Garantia de Qualidade de Julianne House (Garcia, 2009)	71
3.	Modelo LISA de QA e QC e Exemplo de Formulário (Garcia, 2009)	72
4.	Exemplo de Formulário (Schiaffino e Zearo, 2002, disponibilizado em Garcia, 2009)	73
5.	Caminhos Para a Qualidade de Scott Bass (Garcia, 2009)	74
6.	Anexos Multimédia (CD-ROM).....	75
6.1.	Tradução de <i>7 Habits of Successful Investors</i>	75
6.1.1.	Original	75
6.1.2.	Tradução.....	75
6.2.	Tradução de <i>Macron Majority Gives His Reforms Momentum</i>	75
6.2.1.	Original	75
6.2.2.	Tradução.....	75
6.3.	Tradução de <i>EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology</i>	75
6.3.1.	Original	75
6.3.2.	Tradução.....	75
6.4.	Tradução de Entrevista Sobre Desastres Naturais	75
6.4.1.	Original	75
6.4.2.	Tradução.....	75
6.5.	Tradução de Texto Sobre a Cidade de Numância.....	75
6.5.1.	Original	75
6.5.2.	Tradução.....	75
6.6.	Tradução da Contracapa e Biografia do Autor do Livro <i>Inteligência Comercial</i>	75
6.6.1.	Original	75
6.6.2.	Tradução.....	75
6.7.	Tradução de <i>The Most Expensive Classic Cars</i>	75
6.7.1	Original	75
6.7.2	Tradução.....	75
6.8.	Tradução de <i>Venezuela: The Crisis Worsens Further</i>	75
6.8.1	Original	75
6.8.2	Tradução.....	75
6.9.	<i>Links dos Glossários Utilizados</i>	76

Introdução

Este estágio curricular foi realizado no âmbito da unidade curricular de Dissertação/Trabalho de Projeto/Estágio do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas.

O estágio foi realizado no Grupo Editorial Vida Económica. Das diversas opções disponíveis, todas elas empresas respeitáveis da área, espalhadas pelo Norte e Centro do país, escolhi a Vida Económica devido à possibilidade de vir a ganhar experiência na área da tradução literária, na qual gostava de me especializar verdadeiramente no futuro, uma vez que já sabia de antemão qual seria a tarefa principal do meu estágio, e que esta contrastava com o carácter mais técnico das publicações habituais da empresa.

Durante o estágio, realizei, dentro da empresa, as funções de tradutor, revisor e *proofreader*, distribuídas por diversas tarefas que me foram sendo atribuídas pelo meu orientador de estágio em representação da própria empresa, o Doutor Miguel Peixoto de Sousa, de entre as quais se destaca a retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit*, de Jorge Castela.

Neste relatório de estágio, debruçar-me-ei sobre todas as questões que me surgiram neste primeiro contacto com qualquer tipo de experiência profissional na área da tradução, assim como sobre as soluções que empreguei para as ultrapassar.

Devido à diversidade das tarefas realizadas, a sua análise será dividida em três capítulos que se debruçarão sobre as características gerais do estágio, as revisões, as traduções e a tarefa principal.

No primeiro capítulo, abordarei, como referi, as características gerais do estágio. Como tal, começarei por apresentar de forma mais detalhada a empresa onde este foi realizado. Além disso, abordarei, também com maior detalhe, as funções que desempenhei no seu decorrer. Trata-se de um capítulo de apresentação e, por essa razão, será também o mais curto deste relatório.

No segundo capítulo incluo uma revisão da literatura relativa às teorias da tradução que me foram de maior utilidade durante o estágio. Mesmo pretendendo-se breve, esta secção acaba por nunca o ser, tendo em conta a vastidão, em termos do número e qualidade, das teorias que orientaram o estudo da tradução ao longo das últimas décadas.

Contudo, procurei incluir na minha revisão da literatura apenas alguns dos teóricos da tradução mais atuantes na realização das minhas tarefas, tendo uma influência direta sobre algumas das escolhas que fiz ao longo da realização das mesmas.

De seguida, farei uma breve descrição do *SDL Trados Studio*, o *software* de tradução assistida por computador utilizado por mim para me auxiliar na realização de algumas das traduções e, principalmente, da retroversão. O capítulo terminará com uma descrição dos diversos recursos a que recorri ao longo da realização das traduções.

No terceiro capítulo, farei a análise das traduções que realizei. Este será talvez o mais longo de todo o relatório, devido, tão-só, à quantidade de tarefas de tradução que realizei ao longo do estágio.

Dediquei um subcapítulo a cada uma das tarefas de tradução realizadas (algumas das quais acabaram por resultar em artigos jornalísticos publicados no semanário *Vida Económica*), que ordenei cronologicamente, começando pela tradução de um documento de cariz económico que se revelou um desafio maior do que esperado e, tal como a retroversão, requereu a utilização do *SDL Trados Studio*. Assim, a reflexão sobre as dificuldades com que me deparei na tradução deste documento e as soluções que encontrei surge também antes da análise da tradução de todos os outros textos de cariz jornalístico.

Por fim, abordarei, neste capítulo, a tarefa principal do meu estágio, já referida nesta introdução, a retroversão da obra *O Efeito Trump e o Brexit* de português para inglês.

Retroversão é o nome dado ao processo de tradução que é realizado para uma língua de chegada que não é nativa para o tradutor, ao contrário do que acontece numa tradução dita “normal”. Aqui, devo esclarecer que, para efeitos do presente relatório de estágio, uma tradução ou revisão normais são as tarefas do género realizadas envolvendo documentos traduzidos ou a traduzir para a língua nativa do tradutor, neste caso, a minha, o português.

No subcapítulo relativo à retroversão incluirei ainda uma descrição da obra e uma biografia do autor, antes de fazer uma análise das dúvidas/dificuldades que esta obra me colocou e das soluções que encontrei, muitas delas com a ajuda das teorias da tradução que explanarei no início do capítulo.

No quarto e último capítulo, abordarei todas as tarefas de revisão e *proofreading*, que, tal como no capítulo reservado às traduções, organizarei por subcapítulos, ordenados cronologicamente, pela ordem em que foram realizadas.

No entanto, ainda antes disso, mas dentro do mesmo capítulo, incluirei no relatório uma revisão da literatura relativa aos diversos conceitos de revisão ligados aos processos de controlo e garantia de qualidade. O objetivo desta inclusão é facilitar a compreensão de algumas das decisões que tomei durante a realização de cada uma das minhas tarefas de revisão e que mencionarei nos respetivos subcapítulos.

Este relatório de estágio marca o final de uma etapa muito importante da minha vida, talvez a mais importante de todas até agora. A minha vida de estudante começou ainda na minha infância e é com um misto de sentimentos que a vejo chegar ao fim após tanto tempo.

Porém, o fim não chegaria antes de mais um teste complicado a tudo o que aprendi ao longo destes últimos dois anos. E, assim, este estágio lançou-me, abruptamente, num ambiente profissional que eu desconhecia por completo, onde realizei diversas tarefas de revisão e tradução que, como já referi, explicarei com maior detalhe ao longo deste relatório e farei acompanhar por breves explicações teóricas.

1. O Estágio

1.1. A Empresa

O meu estágio curricular foi realizado no Grupo Editorial Vida Económica, nas suas instalações na cidade do Porto.

O Grupo Editorial Vida Económica teve origem em 1933, ano em que criou o *Boletim do Contribuinte*. Contudo, foi a partir da década de 1980 que o Grupo expandiu decisivamente a sua atividade, com o lançamento do jornal *Vida Económica* e novas revistas especializadas (*Mercado Único*, *Trabalho & Segurança Social*, *Vida imobiliária* e *Vida Judiciária*), além da edição de livros dirigidos ao mercado profissional.

A sua filosofia assenta em esclarecer de forma rigorosa as empresas e os profissionais de áreas em que a informação económica é essencial e decisiva; desenvolver uma intensa atividade em áreas como a economia, as finanças, os mercados, a fiscalidade, as relações de trabalho e oportunidade comerciais; além de disponibilizar anualmente um variado leque de Ações de Formação, que têm como objetivo prático a necessidade de atualização e valorização do indivíduo perante o mercado de trabalho e até a nível pessoal.

Conta, atualmente, com uma carteira de clientes que ronda as 40.000 assinaturas permanentes, incluindo não só pessoas individuais, mas também Pequenas e Médias Empresas e outros grupos económicos.

Recentemente, o Grupo tem também dedicado especial atenção à criação de soluções de *software* para empresas, técnicos de contabilidade, consultores e advogados, cobrindo, principalmente, as áreas fiscal e jurídica, e incluindo uma parceria estabelecida com o primeiro Centro de Negócios *Online* em Portugal (o *pmelink.pt*).

Dentro do Grupo Editorial Vida Económica, o meu orientador foi o Doutor Miguel Peixoto de Sousa, Diretor de Edições da empresa.

De seguida, passarei a descrever as funções desempenhadas por mim no seio do Grupo Editorial Vida Económica.

1.2. Funções Desempenhadas

Ao longo do meu estágio no Grupo Editorial Vida Económica, desempenhei as funções de tradutor, revisor e *proofreader*.

Estas funções foram desempenhadas através da realização de diferentes tarefas, ao longo do estágio.

A tarefa principal (assim designada por mim por se ter prolongado ao longo dos seis meses do estágio) consistiu na retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit* (e subsequentes atualizações ao seu conteúdo, aquando da preparação da 2ª edição), da autoria de Jorge Castela, sobre o qual me alongarei mais à frente.

Além desta retroversão, realizei ainda outras traduções, mais curtas, que deram origem a artigos jornalísticos publicados nas respetivas edições do jornal *Vida Económica*. Sobre estas traduções, alongar-me-ei também mais à frente.

Por fim, realizei ainda a revisão do livro *Inteligência Comercial*, de Luis Bassat, traduzido previamente de espanhol para português, e o *proofreading* dos livros *Seja livre, Sendo Dono de um Negócio* (de Miguel Matos) e *Do Crime do Abuso de Informação Privilegiada (Insider Trading): uma Análise Ius Dogmática, entre Sistemas e Jurisprudências* (de Ricardo Alexandre Cardoso Rodrigues e João André de Almeida da Luz Soares), já escritos originalmente em português. Tal como as tarefas mencionadas anteriormente, estas serão aprofundadas no decorrer deste relatório.

Porém, em primeiro lugar, debruçar-me-ei com mais detalhe sobre as tarefas de tradução, mas não sem antes fazer uma revisão da literatura sobre as teorias da tradução que sustentaram as minhas escolhas.

2. Tradução

2.1. Revisão da Literatura

Neste subcapítulo abordarei especificamente as teorias da tradução mais recentes que me guiaram ao longo das tarefas de tradução que realizei durante o meu estágio. Não pretendo incluir nesta revisão da literatura todas as teorias alguma vez desenvolvidas no âmbito da disciplina da tradução, algo que seria praticamente impossível. Pelo contrário, debruçar-me-ei apenas sobre os trabalhos teóricos de um horizonte temporal próximo, que tiveram direta influência nas minhas escolhas ao longo das traduções.

Começarei por explicitar as contribuições de Vinay e Darbelnet (1995), que definiram o conceito de unidades de tradução. Segundo eles, estas são unidades lexicais dentro das quais se agrupam elementos lexicais de modo a formarem um único elemento de pensamento. Ou seja, a unidade de tradução é o elemento de pensamento predominante num dado segmento da mensagem.

Vinay e Darbelnet (1995: 31) afirmam ainda que, regra geral, os tradutores podem escolher entre dois tipos de tradução: tradução direta e tradução oblíqua. Pode optar-se pela tradução direta em situações em que é possível transpor a mensagem da língua de partida para a língua de chegada elemento por elemento, porque esta se baseia em:

- I. Categorias paralelas, caso em que podemos falar de um paralelismo estrutural;
- II. Conceitos paralelos, que resultam de paralelismo metalinguísticos.

A metalinguística é o ramo da linguística que se debruça sobre a relação entre a linguagem e os outros fatores culturais de uma sociedade que influenciem as suas manifestações verbais e a formulação ou a compreensão de mensagens.

Contudo, pode dar-se o caso de não ser possível que certos efeitos estilísticos sejam transferidos para a língua de chegada sem perturbar a mensagem. Nestes casos, torna-se necessário empregar métodos mais complexos que permitam aos tradutores terem um maior controlo sobre a qualidade do seu trabalho.

Vinay e Darbelnet (1995: 31) desenvolveram sete técnicas de tradução. O empréstimo, o decalque e a tradução literal são técnicas de tradução direta, enquanto a transposição, modulação, equivalência e adaptação são técnicas de tradução oblíqua. Passo a explicar,

com mais pormenor, cada uma das técnicas referidas:

1. Empréstimo

É o método de tradução mais simples para superar a existência de uma lacuna metalinguística (que pode ser criada pelo surgimento de novas tecnologias ou novos conceitos).

Pode também ser utilizado para criar um efeito estilístico, quando, por exemplo, o tradutor, pretendendo introduzir na tradução uma referência à cultura de partida (porque a mensagem assim o exige), recorre a termos alheios à língua de chegada. Vinay e Darbelnet (1995: 32) sugerem como exemplos a manutenção de palavras como *datcha* e *apparatchik* em traduções do russo, de *dollars* e *party* em traduções do inglês norte-americano e de palavras como *tequila* e *tortilla* em traduções do espanhol.

Outros empréstimos já estão tão bem estabelecidos na língua de chegada, e há tanto tempo, que já quase não são considerados empréstimos, passando a fazer parte do léxico da língua de chegada. Palavras da língua portuguesa como futebol, andebol, hóquei, abajur enquadram-se nesta categoria de empréstimos que já se enraizaram na língua de chegada.

2. Decalque

O decalque é uma forma excepcional de empréstimo, em que uma língua utiliza a forma de expressão de outra ao mesmo tempo que traduz literalmente cada um dos seus elementos. Isto pode resultar em:

- I. Um decalque lexical, ou seja, um decalque que respeita a estrutura sintática da língua de chegada, mas introduz uma nova forma de expressão;
- II. Um decalque estrutural, que introduz novas construções estruturais na língua de chegada.

O decalque é frequentemente utilizado em áreas de elevada especialização e internacionalização. E, tal como acontece com os empréstimos, alguns decalques podem ser amplamente aceites na língua de chegada e tornar-se parte integrante da mesma após algum tempo. Porém, um decalque infeliz pode parecer extremamente forçado, causar um momento de humor indesejado e refletir-se negativamente sobre a perceção que os outros têm do conhecimento da língua de chegada possuído pelo tradutor.

Apesar de tudo, é mais provável que um tradutor recorra a um empréstimo antes de optar por fazer um decalque, uma vez que este último é um processo muito mais delicado (Fawcett, 1997: 35).

3. Tradução Literal

Vazquez-Ayora (1977, citado em Fawcett, 1997: 36), que também analisa as técnicas sugeridas por Vinay e Darbelnet, afirma que, se, tendo em conta duas mensagens, em duas línguas diferentes, se verifica entre elas uma total correspondência em termos de estrutura e significado, pode ser feita uma tradução literal sem qualquer risco.

O autor afirma ainda que o tradutor não deve alterar o seu processo por medo de ser criticado (pelos ignorantes das realidades da tradução) pelo facto de ter feito uma tradução literal, no sentido pejorativo da palavra (Vazquez-Ayora, 1977: 257, citado em Fawcett 1997: 36).

Porém, há situações em que a mensagem, quando traduzida de forma literal, se torna inaceitável, porque:

- I. Tem um significado distinto do pretendido;
- II. Não tem qualquer significado;
- III. É estruturalmente impossível;
- IV. Não existe uma expressão correspondente na experiência metalinguística dos falantes da língua de chegada;
- V. Tem uma expressão correspondente, mas dentro de um nível de língua distinto. (Vinay e Darbelnet, 1995: 34-35)

Se, depois de tentar as primeiras três técnicas de tradução (direta), o tradutor se vir perante uma tradução literal inaceitável, ele deve, então, focar-se nas técnicas de tradução oblíqua (Vinay e Darbelnet, 1995: 34).

4. Transposição

A transposição é a técnica encontrada por Vinay e Darbelnet para lidarem com mudanças gramaticais na tradução (Fawcett, 1997: 37).

Assim, transposição é o nome dado à técnica através da qual partes da mensagem sofrem mudanças na sua organização ao serem traduzidas (*blue ball* torna-se *boule bleue*, quando traduzida do inglês para o francês, por exemplo). Este processo implica, muitas

vezes, uma mudança de classe para as palavras traduzidas (a título de exemplo, um nome pode passar a ser um advérbio), devido às diferenças que possam existir entre as estruturas gramaticais da língua de chegada e da língua de partida. Isto requer do tradutor que este tenha conhecimento de que é possível mudar uma categoria de palavra na língua de chegada sem alterar o significado do texto de partida.

5. Modulação

Vinay e Darbelnet (1995: 36) definem a modulação como “uma variação na mensagem, obtida através de uma mudança de ponto de vista”.

Vazquez-Ayora (1977: 293, citado em Fawcett, 1997: 37) afirma que, enquanto muitos tradutores recorrem à transposição de forma intuitiva, a utilização da técnica de modulação é mais arriscada e requer um extenso conhecimento da língua de chegada.

A ideia, de acordo com Kelly (1979: 133, citado em Fawcett, 1997: 37), é que o significante mude enquanto o significado se mantém igual, algo que pode ser conseguido através de diversas formas de metáfora, metonímias e sinédoques. A modulação pode ocorrer entre o concreto e o abstrato, entre a parte e o todo, ou através de uma mudança de ponto de vista (passagem da negativa para a positiva, ou da voz passiva para a voz ativa). É este tipo de mudança que faz o leitor identificar-se mais com a tradução em mãos.

6. Equivalência

Vinay e Darbelnet (1995: 38) afirmam que é possível que a mesma situação seja descrita em dois textos utilizando métodos estruturais e estilísticos completamente diferentes. De seguida, apresentam o exemplo do que acontece quando alguém se magoa acidentalmente. Um francês poderá dizer “*Aïe!*”, enquanto um inglês dirá “*Ouch!*”. As onomatopeias que representam os sons produzidos pelos diversos animais são também exemplos gritantes de equivalências.

Assim, pode dizer-se que a maioria das equivalências são de natureza sintagmática e afetam toda a mensagem. Por essa razão, a maioria das equivalências fazem também parte do reportório fraseológico de expressões idiomáticas, clichés e provérbios da língua a que pertencem (Vinay e Darbelnet, 1995: 38).

Para os dois autores, os casos em que é necessário recorrer a uma equivalência não são particularmente interessantes, uma vez que dependem fundamentalmente do

conhecimento que se tem da língua de chegada. São frases que, ou se sabe traduzir, ou não. Se for o caso da última hipótese, nenhuma teoria da tradução poderá ajudar.

Além disso, é possível que o tradutor não consiga detetar a necessidade de utilizar uma equivalência e, em vez disso, traduza separadamente cada um dos elementos da frase. Vinay e Darbelnet chamam a isso *overtranslation*, uma tradução desnecessária, que fornece informação que não está contida no original ou utiliza palavras com sentido mais abrangente do que seria necessário (Fawcett, 1997: 38).

Porém, como Fedorov (1953: 171, citado em Fawcett, 1997: 38) destaca, os problemas surgem em casos, nomeadamente nos domínios da literatura e da publicidade, em que não é possível encontrar uma correspondência na língua de chegada. Nestes casos, deve ser feita uma escolha entre traduzir o significado básico da expressão em causa ou tentar transmitir algum do “sabor” do original.

7. Adaptação

A adaptação é a última técnica de tradução sugerida por Vinay e Darbelnet e, de acordo com Fawcett (1997: 39), é também a mais controversa, algo que, segundo este autor, é demonstrado pelos próprios através dos exemplos por eles sugeridos quer a nível lexical, quer a nível sintático.

A adaptação ocorre quando algo que é específico de uma determinada cultura é expresso na língua de chegada de forma totalmente diferente, de modo a ser apropriado para essa cultura. Envolve uma mudança na referência cultural quando uma situação da cultura de partida não se verifica na cultura de chegada (por exemplo, em França, fazem-se piadas sobre belgas, enquanto em Inglaterra se fazem piada sobre irlandeses).

Por outro lado, o crítico de tradução inglês Peter Newmark (1980) também elaborou a sua própria lista de técnicas (ou soluções) de tradução que, segundo Anthony Pym (2016), deve muito a Vinay e Darbelnet, apesar de também acrescentar novas soluções.

1. *Transcrição*: processo em que se transfere uma palavra da língua de partida para a língua de chegada (ex: *know-how*, *e-mail*, *software*).
2. *One-to-one Translation*: equivalente ao conceito de tradução literal sugerido por Vinay e Darbelnet.
3. *Through Translation*: é a tradução literal de colocações, nomes de organizações e componentes de compostos comuns às duas línguas (Newmark,

1980). É equivalente aos conceitos de empréstimo e decalque de Vinay e Darbelnet.

4. *Sinonímia Lexical*: a tradução é feita com recurso a um equivalente próximo na língua de chegada (Newmark, 1980). Corresponde ao conceito de equivalência de Vinay e Darbelnet.

5. *Análise dos Componentes*: comparação de uma palavra da língua de partida com outra da língua de chegada, de significado semelhante, através dos seus componentes semânticos (Pym, 2016).

6. *Transposição*: igual à técnica do mesmo nome sugerida por Vinay e Darbelnet.

7. *Modulação*: igual à técnica do mesmo nome sugerida por Vinay e Darbelnet.

8. *Compensação*: a perda de significado numa parte da frase deve ser compensada noutra parte da mesma (Newmark, 1980).

9. *Equivalência Cultural*: substituição de uma referência cultural da língua de partida por outra da língua de chegada (Newmark, 1980). Equivalente ao conceito de adaptação de Vinay e Darbelnet.

10. *Translation Label*: tradução por um equivalente aproximado que poderá ser um termo novo, sugerido entre aspas pelo tradutor, podendo, mais tarde, ser aceite como parte da língua de chegada (Pym, 2016).

11. *Definição*: utilização de várias palavras para descrever o significado de um termo do texto de partida (Pym, 2016).

12. *Paráfrase*: explicação livre do significado de um termo do texto de partida. A explicação é muito mais detalhada do que a dada através da técnica de definição.

13. *Expansão*: efeito provocado pela tradução de um termo cujo equivalente na língua de chegada é mais longo que o original.

14. *Contração*: efeito provocado pela tradução de um termo cujo equivalente na língua de chegada é mais curto que o original.

15. *Reformulação de Frases*: frases complexas podem ser divididas em duas ou mais frases mais simples (Pym, 2016).

16. *Rearranjos/Melhorias*: remover erros, erros tipográficos, idioleto e corrigir a escrita desastrada de textos inadequados (Pym, 2016).

17. *Combinações*: o tradutor utiliza duas técnicas diferentes para traduzir o mesmo termo (Newmark, 1980). O tradutor pode, por exemplo, recorrer à

transcrição antes de realizar a tradução do termo (Pym, 2016).

Contudo, para Pym, a lista de Newmark, apesar de conter ideias que qualquer professor gostaria de ensinar aos estudantes de tradução, aparece do nada e não tem um propósito claro, parecendo mesmo sugerir que aí estão contidas todas as técnicas de tradução, o que não é verdade. Pym argumenta ainda que, apesar de Newmark incluir na sua lista termos bem conhecidos dos estudiosos da tradução, acaba por ceder à tentação de acrescentar outros truques do ofício, além de confundir as próprias soluções com a forma como elas são produzidas (a Análise dos Componentes, por exemplo, na opinião de Pym, sendo um processo, não teria lugar na lista), entre outros problemas.

Sendo que a tarefa mais importante do meu estágio foi a retroversão de um livro, ou seja, a tradução desse livro para uma língua que não é a minha língua nativa, mas para a minha segunda língua, procurei consultar alguma literatura relativa a este gênero específico de tradução.

Nesse sentido, Campbell (1998: 57) começa por reconhecer que há grandes diferenças entre uma tradução para a língua nativa do tradutor e uma retroversão. Para ele, estamos perante dois processos espelhados. Numa tradução dita “normal”, a maior dificuldade é compreender o texto de partida, sendo que, presumivelmente, o tradutor terá mais facilidade em produzir um texto de aspeto natural na sua língua nativa. Numa retroversão, pelo contrário, a compreensão do texto de partida é a parte mais fácil do processo. A maior dificuldade passa então a ser produzir um texto de chegada cujas particularidades não são naturais para o tradutor. Estas diferenças só serão mitigadas se o tradutor for um verdadeiro bilingue, ou seja, se este possuir igual conhecimento de ambas as línguas, o que é extremamente raro.

Podem discutir-se as vantagens de cada um desses géneros de tradução, porém a opinião dos especialistas favorece a tradução para a língua nativa do tradutor (Campbell: 57). Neubert (1981, citado em Campbell 1998: 57) justifica essa opinião, argumentando que, ao traduzir para a sua língua nativa, o tradutor evita o problema causado pela potencial falta de competência textual na língua de chegada, além de evitar potenciais erros gramaticais e escolhas lexicais mais infelizes.

No entanto, Campbell (1998: 57) considera que, apesar de todas essas vantagens associadas às traduções realizadas para a língua nativa do tradutor, haverá sempre necessidade de que alguns trabalhos de tradução sejam realizados sob a forma de

retroversões. Esta necessidade surge, por exemplo, num contexto em que o número de tradutores com conhecimento nativo de uma determinada língua não é suficiente para suprir a procura ao nível da tradução para essa mesma língua.

Assim, Campbell (1998: 58), assumindo que a competência do tradutor para a realização de retroversões está ligada à sua proficiência na segunda língua em causa, afirma que o tradutor que realiza uma retroversão deve saber trabalhar dentro das limitações do seu repertório nessa segunda língua, mas também dentro das limitações do texto de partida. Campbell explica o significado desta afirmação com um exemplo: quando alguém escreve uma carta na sua segunda língua, pode adaptar o conteúdo dessa carta aos conhecimentos que tem da língua. O tradutor que faz a retroversão de uma carta escrita por outrém, por outro lado, está refém do conhecimento da língua de partida dessa pessoa e, por isso, poderá ser forçado a escrever algo que não consegue expressar de forma apropriada. E, de facto, esta foi uma das dificuldades que enfrentei durante a minha retroversão.

O trabalho de Susan Bassnett e André Lefevere sobre o envolvimento da vertente cultural na tradução de qualquer texto também teve grande influência sobre a forma como conduzi o meu trabalho, em especial durante a retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit*.

Bassnett e Lefevere (1998: 123) começam por explicar que, oito anos antes, numa coleção de ensaios editada pelos próprios intitulada *Translation, History and Culture*, argumentavam já que o estudo da prática da tradução tinha ultrapassado a sua fase formalista e começava agora a considerar aspetos mais abrangentes relativos ao contexto, à História e aos costumes.

Os dois autores designaram esta mudança de ênfase por *cultural turn* dos estudos da tradução, e sugeriram que um estudo dos processos de tradução combinado com a práxis da tradução pode ajudar a compreender a forma como têm lugar os processos textuais manipulativos: por exemplo, a forma como um texto é selecionado para ser traduzido, que papel desempenha o tradutor nessa seleção, que papel desempenham os editores e os patrocinadores, que critérios determinam a estratégia que será utilizada pelo tradutor, ou a forma como um texto poderá ser recebido na língua de chegada. Isto, porque uma tradução nunca é feita num vazio. Cada tradução está cercada de aspetos textuais e extratextuais que restringem o trabalho do tradutor (Bassnett e Lefevere, 1998: 123).

Hatim (2001: 65) viu esta mudança de paradigma como o exemplo perfeito de como os padrões que definem a qualidade de uma tradução tendem a mudar de um momento para o outro e de como as normas e as convenções evoluem constantemente. O alicerce das decisões do tradutor e a própria teorização do processo de tradução já não podem passar pela “precisão” baseada apenas em critérios linguísticos, mas antes pelas “funções” que os textos devem servir enquadrados em contextos reais. Da mesma forma, as restrições dentro das quais é feita a tradução devem ser trabalhadas de acordo com os modelos desenvolvidos no âmbito da linguística, dos estudos culturais e dos estudos literários, com o objetivo de ter em conta fatores contextuais como as relações de poder entre culturas e a manipulação ideológica.

Por outro lado, Mary Snell-Hornby (2006: 151) verifica a existência de uma tendência de regresso às teorias mais viradas para o aspeto linguístico da tradução, uma tendência que, segundo ela, é reforçada por alguns estudos que procuram ressuscitar o velho debate sobre o conceito de equivalência – citando, como exemplos, os trabalhos de Koller e Halverson – e reintroduzir protótipos semânticos que têm sido amplamente discutidos desde a década de 1980.

Uma das razões para esta tendência pode estar ligada à tradição académica dos estudiosos que defendem este regresso. A “tradução” é ainda muitas vezes acomodada como uma secção dos departamentos de línguas e literatura e, por essa razão, é automaticamente relacionada com ambas essas disciplinas. Por outro lado, os modelos funcionalistas (Reiss e Vermeer, Nord) procuram deixar para trás essas estruturas tradicionais. Isto cria uma clara divisão entre o cada vez mais dominante debate académico de língua inglesa e o debate académico que tem lugar em comunidades de outras línguas, nomeadamente de língua alemã (Snell-Hornby, 2006: 152). A outra razão que poderá estar por trás desta tendência pode dizer respeito às divergências quanto à definição do que é uma tradução, ou seja, quanto ao seu próprio objeto de estudo (Snell-Hornby, 2006: 155).

Edwin Gentzler (2001: 203), na conclusão do seu livro *Contemporary Translation Theories*, argumenta a favor da implementação de múltiplas teorias da tradução para melhor analisar os significados e as funções produzidas, uma vez que, tendo em conta que as fronteiras da disciplina de Estudos da Tradução se expandiram da análise textual e linguística para toda a rede de signos complexos que constituía a cultura, nenhum teórico poderá fornecer sozinho todas as respostas necessárias. Gentzler afirma ainda que

estamos perante um nova e excitante etapa na vida da disciplina, que forçará os teóricos a combinarem teorias e recursos de uma variedade de disciplinas para que novas perceções sejam criadas.

Foi esta abordagem colaborativa sugerida por Gentzler que procurei seguir relativamente às teorias que influenciaram diretamente os meus trabalhos de tradução e que mencionei e expliquei ao longo deste subcapítulo.

De seguida, debruçar-me-ei sobre os *softwares* e os recursos utilizados durante a realização das traduções ao longo do estágio no Grupo Editorial Vida Económica.

2.2. Os Softwares Utilizados

O *software* que utilizei para me auxiliar na retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit* foi a versão de 2015 (versão 12.0.4809.0) do *SDL Trados Studio*, uma vez que já tinha vasta experiência prévia na sua utilização (em comparação, por exemplo, com outros *softwares* do género, como o *memoQ*), adquirida ao longo do presente Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, e até mesmo ao longo da Licenciatura em Assessoria e Tradução.

O *SDL Trados Studio* é um *software* de tradução assistida por computador. É considerado o *software* líder de mercado no fornecimento de soluções em termos de *software* de tradução a toda a cadeia de abastecimento, incluindo tradutores *freelance*, fornecedores de serviços linguísticos, departamentos linguísticos de empresas e instituições académicas.

Um *software* de tradução assistida por computador é um *software* usado por tradutores para facilitar o processo de tradução.

Ao contrário do que acontece com ferramentas de tradução automática (como o *Google Translate*, o *Linguee* e o *Reverso*, sobre os quais me debruçarei mais à frente), que não são capazes de produzir uma tradução com um alto padrão de qualidade, tornando necessária uma fase de edição por parte do tradutor humano para corrigir possíveis erros e assegurar a qualidade da tradução, a tradução assistida por computador permite que essa etapa de edição esteja incorporada no *software*, transformando a tradução num processo interativo entre tradutor e computador durante o qual o tradutor realiza a tradução, servindo-se (ou não) da tradução automática apenas como um recurso que facilita o seu trabalho, ao lado dos dicionários, glossários e gramáticas que também fazem parte do

quotidiano da tradução.

Além do *Trados Studio*, a SDL desenvolve ainda o *Multiterm* (destinado à criação de bases de dados que podem ser articuladas com os projetos realizados no Studio) e o *Passolo* (destinado a projetos de localização).

O *SDL Trados Studio* suporta mais de 70 formatos de ficheiros diferentes (incluindo SGML, XML, HTML, XLIFF, SDLXLIFF, ficheiros *OpenDocument*, ficheiros de texto simples, *JAVA*, *Microsoft.Net*, *Microsoft Word*, *Excel*, ficheiros *Excel* bilingues, *Powerpoint*, *PDF*, *FrameMaker*, *InDesign* e *InCopy*) e permite a criação de Memórias de Tradução (MT) e a incorporação de glossários (bilingues ou multilingues) que possam ajudar a um aumento de produtividade da parte do tradutor.

Uma memória de tradução é uma base de dados que armazena “segmentos”. Esses segmentos podem ser frases, parágrafos ou unidades textuais (cabeçalhos, títulos ou elementos de uma lista) já traduzidos que têm como objetivo auxiliar o tradutor em futuras traduções semelhantes.

A memória de tradução armazena o texto de partida e a respetiva tradução em pares de línguas chamados “unidades de tradução”. Quanto a palavras individuais, estas são processadas individualmente e não caem dentro do âmbito das memórias de tradução.

Se, em traduções futuras, o texto apresentar segmentos iguais ou semelhantes a outro traduzido previamente, a memória de tradução identificará esses segmentos e apresentará a sugestão correspondente. Cabe depois ao tradutor analisar o contexto do segmento e aceitar a sugestão, utilizar apenas parte dela, ou fazer uma tradução inteiramente nova. Isto permite ao tradutor poupar tempo (e conseqüentemente custos) e manter a consistência da terminologia.

As memórias de tradução são habitualmente utilizadas em conjunto com uma ferramenta de tradução assistida por computador, programas de processamento de palavras, sistemas de gestão de terminologia, dicionários multilingues ou até mesmo os resultados brutos de traduções automáticas.

Um glossário é um tipo de dicionário específico para palavras pouco conhecidas, principalmente por representarem conceitos técnicos e complexos, de conhecimento majoritário de indivíduos familiarizados com determinada ciência ou área de estudo.

Existem diferentes tipos de glossário. Por exemplo, existem glossários bilingues, que

incluem a tradução e a explicação para outro idioma do significado das palavras que o compõem, e glossários sobre assuntos específicos, precisamente aqueles a que recorri no decorrer do meu estágio, que explicam termos técnicos, utilizados por profissionais da área ou pessoas que têm interesse em descobrir os seus significados.

Termos são palavras simples ou compostas que são geralmente utilizadas em contextos específicos.

Estes termos são estudados pela terminologia, uma disciplina formal que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos particulares a um ou vários assuntos ou campos de atividade humana, através da pesquisa e da análise dos termos em contexto, com o objetivo de os documentar e de promover o seu uso correto.

Na tradução, a gestão da terminologia é fundamental para uma boa legibilidade e correção técnica dos textos traduzidos.

O *SDL Trados Studio* integra também funcionalidades de tradução automática e pós-edição. Atualmente, este *software* suporta os seguintes sistemas de tradução automática: *Language Weaver*, *SDL BeGlobal*, *SDL LanguageCloud*, *Google Translate*. Além dos mencionados, suporta ainda o *Microsoft Translator* e outros sistemas de tradução automática, através do seu Interface, da sua arquitetura e do Interface de Programação de Aplicações (API, na sigla em inglês), abertos na *SDL OpenExchange*, agora chamada de *SDL AppStore*.

As Memórias de Tradução produzidas por mim ao longo deste estágio (e da retroversão, em particular), assim como alguns glossários consultados, poderão, inclusivamente, voltar a ser utilizadas infinitamente no futuro, e cuja abrangência poderei continuar a aprofundar.

Além do *SDL Trados Studio*, utilizei ainda o *software Lightshot*¹ (na sua versão 5.4.0.1), em especial durante a realização da tradução da infografia *The Most Expensive Classic Cars*. O *Lightshot* é uma ferramenta de captura de ecrã, desenvolvida pela Skillbrains desde 2009.

Este *software* possui uma interface simples, o que facilita a sua utilização e não causa perdas de tempo. Esta facilidade de utilização traduz-se na possibilidade de concretizar

¹ Disponível para *download* gratuito em <https://app.prntscr.com/pt-br/index.html>

uma captura de ecrã com apenas dois cliques. Além disto, o *software* permite que se faça o *upload* das imagens para um servidor, de modo a conseguir rapidamente um *link* que pode ser partilhado na *Internet*. É ainda possível editar as capturas de ecrã no momento, ou posteriormente, recorrendo a poderosos editores *online*, e fazer rapidamente uma pesquisa por imagens semelhantes à captura de ecrã acabada de concretizar. Este *software* está disponível para diversas plataformas, nomeadamente para *Windows/Mac, Chrome, Firefox, IE e Opera*.

Por fim, utilizei ainda o *Microsoft Word*, na sua versão 16.0.8326.2096 de 64 *bits*, de 2016. Este *software* foi utilizado por mim para escrever traduções menos complexas e mais curtas, mas também para recriar a formatação do documento original que tinha recebido em *PDF* aquando da tradução da infografia *The Most Expensive Classic Cars*.

O *Microsoft Word* é um programa de processamento gráfico de palavras que pode ser utilizado para dactilografar. Assim como outros *softwares* do género, possui ainda múltiplas ferramentas úteis à criação de documentos, tais como: ferramentas de verificação ortográfica e gramatical, ferramentas de inserção de imagens em documentos, ferramentas de inserção de gráficos e tabelas, dicionários de sinónimos.

É um *software* extremamente popular, uma popularidade conseguida graças ao formato “secreto” em que todos os documentos produzidos por este *software* eram guardados. Sempre que um utilizador deste *software* pretendesse enviar um documento a alguém, o destinatário desse mesmo documento era também forçado a ter uma cópia do *software* para conseguir abrir o documento, uma sequência que se repetia *ad infinitum* e que deu ao *Microsoft Word* uma posição dominante no mercado.

Além disso, a utilização do *Microsoft Word* para as tarefas de escrita das traduções também permitia, caso fosse necessário, que esta fosse importada sem qualquer problema para o *SDL Trados Studio*, uma vez que este *software* consegue processar os ficheiros produzidos pelo *Microsoft Word*.

De seguida, debruçar-me-ei sobre os recursos que utilizei, alguns dos quais em conjugação com estes *softwares*.

2.3. Os Recursos Utilizados

Neste subcapítulo, enumerarei os recursos utilizados por mim no decurso das tarefas de tradução que me foram atribuídas durante este estágio.

Em primeiro lugar, e porque este foi o recurso que mais utilizei ao longo das minhas traduções, refiro o *Linguee*², um dicionário bilingue *online* e um buscador de traduções que utilizei primordialmente na versão português-inglês, apesar de ser útil para quaisquer pares de línguas que incluam as seguintes línguas: português, inglês, alemão, francês, espanhol, italiano, holandês, polaco, sueco, dinamarquês, finlandês, grego, checo, romeno, húngaro, eslovaco, búlgaro, esloveno, lituano, letão, estónio e maltês.

A base de dados lexical do *Linguee* é suportada por milhares de textos produzidos nas várias línguas pelas instituições da União Europeia, razão pela qual é possível disponibilizar uma tão grande variedade de línguas. Ainda assim, os textos oriundos da União Europeia não são a única fonte de alimentação da plataforma, pelo que, naturalmente, as sugestões de tradução apresentadas variarão em número e qualidade, de acordo com o par de línguas escolhido. Dou apenas um exemplo: a plataforma será mais útil caso estejamos a trabalhar com o par de línguas português-inglês do que se o fizéssemos com o par português-estónio. Porém, a utilização de textos produzidos pelas diversas instituições da União Europeia ameniza esta diferença.

Além disso, aquando da consulta dos equivalentes sugeridos pelo *Linguee*, é necessário ter alguma atenção à proveniência dessas mesmas sugestões. Se estas provêm de um documento da União Europeia (ou até mesmo de algum *website* governamental), por exemplo, então trata-se de uma fonte definitivamente credível e é seguro fazer uso dessas sugestões, caso contrário, a credibilidade das sugestões deve ser estudada caso a caso.

Sou forçado a referir também o *Google Translate*³, o patinho feio da tradução automática. É uma ferramenta limitada quando se tenta traduzir um parágrafo inteiro ou até mesmo apenas uma frase mais complexa, pelo facto de traduzir cada palavra individualmente, sem ter em conta o contexto ou a função da mesma dentro de uma frase. Porém, é extremamente útil quando procuramos traduzir uma determinada palavra, uma vez que a sua base de dados lexical é enorme, alimentada pelos servidores da Google, cuja quantidade de informação armazenada cresce a cada segundo, graças aos seus milhões de utilizadores.

Apesar disso, o *Google Translate* apresenta ainda outro problema que, no que diz

² Disponível em www.linguee.pt

³ Disponível no endereço <https://translate.google.pt/>

respeito à língua portuguesa, afeta particularmente os falantes de português europeu. Uma vez que a composição da base de dados desta ferramenta está dependente da produção de conteúdos nas diferentes línguas, e devido à enorme diferença de número verificada entre as populações de Portugal e Brasil, é inevitável que a maioria das sugestões de tradução sejam apresentadas pelo *Google Translate* em português do Brasil, pelo que há que ter especial atenção aos resultados produzidos por esta ferramenta.

Utilizei também o *Reverso*⁴, embora menos que o *Linguee*. As duas plataformas são parecidas, no sentido em que ambas apresentam as suas sugestões de tradução inseridas em frases, de modo a facilitar a contextualização das mesmas. Porém, ao contrário do que acontece no *Linguee*, no *Reverso*, o número de exemplos disponibilizados é limitado, sendo que para aceder à totalidade destes é necessário fazer o registo no *website*. Além disso, a origem destes exemplos é mais dúbia que a dos exemplos apresentados pelo *Linguee*. Os exemplos apresentados pelo *Reverso* provêm de legendas de séries e filmes produzidas previamente, embora não se esclareça com maior precisão a origem dessas mesmas legendas.

Um outro recurso que me foi muito útil, principalmente no que diz respeito à retroversão de alguns versos do Corão citados por Jorge Castela no seu livro *O Efeito Trump e o Brexit*, foi o *website quran.com*⁵. Este *website* contém a totalidade da versão inglesa do Corão, o livro sagrado do Islão, traduzida pela Sahih International (entre outras traduções, feitas por diferentes autores), uma tradução considerada fiável por elementos do fórum *online Ummah.com*, dedicado à comunidade muçulmana *online*.

Recorri também ao *website English Forums*⁶ para resolver algumas dúvidas relacionadas com a língua inglesa que surgiram também durante a retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit*. É o maior *website* de perguntas e respostas dedicado à comunidade que procura aprender inglês, celebrando dezasseis anos de existência em 2017.

Um outro recurso incontornável foi o *Urban Dictionary*⁷. O *Urban Dictionary* é um dicionário *online* de palavras e frases do calão, assim como de outras expressões mais ligadas a uma linguagem informal e uma cultura mais urbana (como o próprio nome do

⁴ Disponível no endereço www.reverso.net

⁵ Disponível no endereço <https://quran.com/>

⁶ Disponível no endereço www.englishforums.com

⁷ Disponível no endereço www.urbandictionary.com

dicionário indica), incluindo as dezenas de novas expressões que surgiram com o aumento de popularidade das redes sociais. Trata-se de palavras que, ou não aparecem nos dicionários convencionais, ou aparecem sob um contexto inteiramente diferente e mais formal.

O *Urban Dictionary* foi fundado em 1999, como paródia dos *websites Dictionary.com* e *Vocabulary.com*, acabando, porém, por tornar-se algo sério, mas com um âmbito bem distinto dos *websites* que inspiraram a sua criação. No início de 2014, o dicionário era composto por mais de sete milhões de definições, sendo que cerca de duas mil novas entradas eram adicionadas diariamente. Qualquer pessoa que possua uma conta de *Facebook* ou *Gmail* pode submeter uma nova entrada que é depois aprovada ou rejeitada por cerca de vinte mil editores voluntários.

Quero ainda debruçar-me sobre as ferramentas de OCR, *Optical Character Recognition*. Utilizei uma ferramenta deste género na tradução da infografia *The Most Expensive Classic Cars*, já depois de ter ponderado utilizá-la também na tradução do comunicado *EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology*, antes de me ter sido enviada uma cópia digital do mesmo, que tornou este processo desnecessário. A ferramenta em questão foi a *Free Online OCR Service*⁸, que está disponível gratuitamente e não requer instalação no computador.

OCR é a tecnologia que permite converter diferentes tipos de documentos, tais como documentos digitalizados, ficheiros em formato *PDF* e imagens capturadas por câmaras digitais em dados editáveis e pesquisáveis.

Embora os detalhes relativos ao funcionamento do *Free Online OCR Service* não estivessem disponíveis na plataforma que o disponibilizava, realizei uma curta pesquisa para chegar a um melhor entendimento do processo de OCR.

Acabei por encontrar um outro recurso similar, o *ABBYY FineReader OCR*, cujo *website* disponibiliza uma explicação da tecnologia de OCR. Ao contrário do *Free Online OCR Service*, não é gratuito e trata-se de um *software* que deve ser instalado no computador. Porém, na sua versão mais básica, desempenha exatamente as mesmas tarefas que o *Free Online OCR Service*.

Por trás desta tecnologia estão três princípios básicos bem conhecidos dos cientistas,

⁸ Disponível no endereço www.onlineocr.net

que permitem ao ser humano reconhecer as palavras e os caracteres: integridade, orientação para um propósito e adaptabilidade. Estes três princípios são depois colocados em prática para desenvolver o processo de OCR.

Em primeiro lugar, os programas analisam a estrutura do documento ou imagem a serem convertidos, dividindo a página em elementos como blocos de textos, tabelas, imagens, etc. Depois disso, as linhas são divididas em palavras e, subsequentemente, essas palavras são divididas em caracteres. Assim que este processo fica concluído, os programas comparam os caracteres com um conjunto de imagens que integram a sua base de dados. De seguida, os programas avançam com inúmeras hipóteses quanto ao que cada carácter é, nas quais se baseiam depois para analisar as diferentes formas de dividir as linhas em palavras e as palavras em caracteres. Só depois de analisar todas as hipóteses, os programas tomam uma decisão, apresentando ao utilizador o texto reconhecido em formato editável. Todo este processo tem lugar no espaço de pouquíssimos segundos.

Menciono ainda o *Reddit*⁹, um *website* de discussão e partilha de conteúdos. Os utilizadores registados nesta plataforma juntam-se em comunidades, chamadas *subreddits*, dedicadas à discussão, séria ou não, dos mais variados temas, onde podem fazer publicações, quer sob a forma de texto, quer sob a forma de *links* para conteúdos de interesse para a comunidade. Os restantes utilizadores podem depois dar a sua opinião sobre essas publicações, quer através de comentários, quer através de *upvotes* e *downvotes* que determinam a posição em que surgem as publicações na página principal do *subreddit* onde são publicadas.

Por fim, recorri, ainda que apenas numa ocasião, ao *website* do Gatestone Institute¹⁰. O Gatestone Institute é, ao mesmo tempo, um *think tank* e um Conselho independente e sem fins lucrativos direcionado para a política internacional, sediado nos Estados Unidos da América, que tem como objetivo educar o público acerca das questões que os meios de comunicação ditos normais não abordam, através da promoção de: instituições democráticas, Direitos Humanos, uma economia saudável e livre, um exército capaz de assegurar a paz internamente e no mundo livre, a independência energética e o fornecimento de informação ao público acerca das ameaças às suas liberdades individuais e de expressão e à sua soberania.

⁹ Disponível no endereço www.reddit.com

¹⁰ Disponível no endereço www.gatestoneinstitute.org

Além destes recursos, recorri a alguns glossários, cujos *links* listarei num ficheiro que anexarei a este relatório. Trata-se de glossários ligados à área da economia e das finanças, mas também alguns ligados aos domínios da metalurgia e da manufatura, que consultei aquando das traduções dos textos *7 Habits Of Successful Investors* e *EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology*. Estes glossários foram produzidos por entidades como a própria CMVM, a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários, ou empresas como a Metaltek ou a Arena.

Foram estes os recursos que me ajudaram na realização das minhas tarefas ao longo do estágio. No capítulo seguinte, passarei à análise propriamente dita das traduções realizadas.

3. Análise das Traduções

Neste capítulo farei a análise de cada uma das traduções que realizei, começando pela tradução do documento *7 Habits of Successful Investors* e daí seguindo por ordem cronológica, até à análise da retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit*, que foi a última tarefa a ser concluída.

3.1 Tradução de *7 Habits of Successful Investors*

Tal como referi, vou começar esta análise das traduções realizadas pela tradução, de inglês para português, do documento *7 Habits of Successful Investors*, compilada pela Allianz Global Investors, cujo título traduzi para *Os 7 Hábitos dos Investidores Bem-sucedidos*. Esta tradução foi a segunda mais importante entre as realizadas durante o meu estágio, apenas atrás da retroversão, sobre a qual me debruçarei mais à frente.

A Allianz Global Investors é uma empresa de gestão de ativos à escala global, com escritórios espalhados pela América do Norte, Europa e Ásia-Pacífico. A filosofia da empresa, “Compreender. Agir.” (ou “*Understand. Act.*”, no original, em inglês), está profundamente enraizada na forma como conduz a sua atividade. A Allianz Global Investors oferece aos seus clientes uma vasta gama de estratégias e soluções de gestão ativa de ativos que abrangem todo o espectro risco/retorno e que aumentou em 2016, através da aquisição de uma empresa especialista em rendimento fixo, a Rogge Global Partners (RGP).

Quanto ao documento em si, o seu título é explícito quanto ao tema abordado. Afinal, trata-se de uma compilação de sete conselhos dados a quem quiser tornar-se um investidor de sucesso. Estes são ainda suportados por tabelas e gráficos com dados relevantes a cada um dos “hábitos” mencionados.

Apesar de se tratar de uma brochura, o seu texto foi redigido num nível de língua cuidado, sem nunca fugir à utilização dos termos mais complicados da área, tendo como público-alvo pessoas que já estejam por dentro do funcionamento do mercado, principalmente como investidores, mas que procurem ainda conhecer novas maneiras de rentabilizar os seus investimentos, por forma a conseguirem um maior retorno financeiro no futuro.

Como tal, a principal dificuldade que encontrei aquando da realização desta tradução foi precisamente à frequente utilização de termos muito específicos da área. Ultrapassei

essa dificuldade recorrendo a glossários sobre o tema, fornecidos de forma gratuita por entidades como a CMVM, entre outras, nas respetivas páginas *web*, cujos *links* serão listados em anexo.

Uma outra dificuldade que surgiu relacionou-se com uma palavra específica, neste caso, o nome próprio de uma personagem mitológica bem conhecida, *Odysseus* (em inglês). *Odysseus* é o protagonista do livro *Odisseia*, a epopeia escrita por Homero, assim chamada precisamente por causa do nome do seu protagonista. Ora, em Portugal, o protagonista é conhecido como *Ulisses*, e até aqui, tudo bem, parece uma adaptação cultural simples. Porém, o facto de o nome *Odisseia* advir do nome do protagonista da obra é precisamente referido nesta brochura. Sendo esse o caso, a meu ver, torna-se impossível utilizar *Ulisses* como tradução para português do nome do protagonista, uma vez que causaria confusão no leitor. *Ulisses* nada tem a ver, linguisticamente, com *Odisseia*.

Após alguns minutos de pesquisa na Internet, percebi que o nome *Odisseu* era também aceite como tradução para a língua portuguesa e, tendo em conta os factos explicados acima, optei por utilizar *Odisseu* na minha tradução.

Depois de terminada a tradução, e de gerado o ficheiro final, em *Microsoft Word*, através do *SDL Trados Studio*, e já em português, foi ainda necessário ajustar alguma da formatação do documento que se havia perdido aquando da sua conversão do formato *PDF* em que se encontrava para o seu formato final em *Word*, o que se revelou um desafio inesperado, tendo-me consumido algum tempo. Contudo, cuidar da formatação e do aspeto geral final do documento a traduzir é algo que pode, por vezes, fazer parte das competências do tradutor, e foi algo com que tive de lidar ao longo de todo o estágio, com expoente máximo neste mesmo documento.

3.2. Tradução de *Macron Majority Gives His Reforms Momentum*

A primeira das traduções que acabaram por dar origem a artigos jornalísticos assinados por mim, quer a solo, quer em colaboração com outros jornalistas do Grupo Editorial Vida Económica, foi a tradução, de inglês para português, do texto “*Macron Majority Gives His Reforms Momentum*”, cujo título traduzi para “*Maioria de Macron Impulsiona As Suas Reformas*”.

O texto, publicado originalmente na secção de Política Europeia do *website* da Allianz

Global Investors, versa sobre as consequências que a maioria conseguida por Emmanuel Macron (Presidente de França) no Parlamento francês terá sobre as reformas por si ambicionadas (tal como o seu título indica). Além disso, aborda ainda individualmente essas mesmas medidas que Macron poderá estar prestes a propor ao Parlamento, antes de se debruçar mais a fundo sobre as implicações que cada uma delas terá sobre o investimento (que é, afinal, o principal foco da Allianz Global Investors).

O seu público-alvo é o mesmo do documento sobre o qual me debrucei nas duas páginas anteriores, cujo autor também é o mesmo, a empresa Allianz Global Investors. São, por isso, investidores médios, com mais ou menos experiência ao nível dos mercados e da negociação de valores mobiliários, que procuram informar-se melhor sobre os fatores que poderão marcar o futuro dos mercados, por forma a realizar os melhores investimentos possíveis e maximizar o seu retorno.

E, tal como aconteceu com o documento anterior, uma das principais dificuldades colocadas pela tradução deste texto foi a utilização de algum vocabulário mais técnico relativo aos mercados de valores mobiliários, com termos como *equities*, *fixed-income*, *bonds*, entre outros. Para resolver estas dificuldades e encontrar as soluções de tradução adequadas, voltei a consultar os glossários que já me tinham sido úteis aquando da tradução do documento referido anteriormente. Depois de consultar estes glossários, decidi traduzir *equities* para *títulos*, optando por manter *fixed-income*, tal e qual como no original, seguindo a recomendação da pessoa que me enviara o texto (o “cliente”, por assim dizer), e por traduzir *bonds* para *títulos da dívida*.

Mais uma vez, reafirmo que os *links* para os glossários serão disponibilizados nos anexos do presente relatório de estágio.

Uma outra dificuldade era relativa à necessidade de manter, ao longo de toda a tradução, alguma coerência no que dizia respeito ao nível de língua e terminologia utilizados. Era importante manter uma linguagem clara e concisa ao longo de todo o texto, tal como o faz o original, característica do texto jornalístico, e julgo que consegui fazê-lo.

3.3. Tradução de *EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology*

A segunda tradução que acabaria por resultar num artigo jornalístico foi a tradução, de

inglês para português, de um comunicado divulgado pela EMO Hannover a 21 de junho de 2017, com o título *EMO Hannover 2017 once again a trend forum for production technology*” (que traduzi para *A EMO Hannover 2017 é mais uma vez um fórum de tendências para a tecnologia de produção*).

O comunicado tinha como objetivo promover a EMO Hannover (uma feira comercial internacional para o setor da metalurgia) junto da comunidade internacional, numa altura em que faltavam três meses para a sua realização (de 18 a 23 de setembro, em Hannover, na Alemanha). Assim, numa primeira parte, o texto oferece-nos alguns números que ajudam a perceber o tamanho e a importância da feira para o setor e algumas estatísticas que justificam a sua relevância para os modelos de negócio e de vendas das diversas empresas. Na segunda parte do texto, são enumeradas algumas das máquinas e soluções inovadoras que os visitantes poderão ficar a conhecer e é aprofundado o tema adotado para esta edição da feira: *Connecting systems for intelligent production* (que traduzi para *Interligando Sistemas para uma Produção Inteligente*).

O comunicado tinha como público-alvo a imprensa especializada, assim como os empresários do setor, o que permitia a utilização de termos muito específicos, com a certeza de que todos os interessados compreenderiam o seu significado.

Por essa razão, a terminologia mais técnica foi, novamente, a maior dificuldade que o texto me apresentou. Diria mesmo que a terminologia presente neste comunicado era muito mais técnica do que a utilizada no texto anterior, sobre as reformas ambicionadas por Macron. Ainda assim, não se revelou tão técnica como poderia ser, uma vez que não consegui encontrar referência a nenhuma das palavras que procurava em nenhum dos glossários que consultei (e que serão também disponibilizados em anexo). Os glossários que refiro foram consultados enquanto eu procurava as soluções mais indicadas para a tradução de termos como *machine tool*, *handling system* e *added-value chain*. Acabei por encontrar algumas possíveis soluções no dicionário gratuito *Linguee*, que confirmei após uma rápida pesquisa no *Google*. Acabei por traduzir estes termos para *máquina-ferramenta*, *sistema de manipulação* e *cadeia de valor acrescentado*.

Para efeitos de referência futura, sempre que, ao longo deste relatório de estágio for mencionado este tipo de pesquisa no *Google*, refiro-me apenas e só à introdução do termo ou expressão na barra de pesquisa do *website* com o objetivo de aferir a frequência da sua utilização na língua de chegada, quer em *websites* de empresas, quer em notícias

publicadas nas plataformas *online* dos mais diversos jornais ou revistas.

Originalmente, estava também planeada a tradução de um outro comunicado, relacionado com este (ou seja, também relativo à EMO Hannover), mas, após uma mudança de planos, essa tradução acabou por não se realizar.

3.4. Tradução de Entrevista Sobre Desastres Naturais

A terceira tradução realizada com o objetivo de ser transformada num artigo jornalístico foi a tradução, de inglês para português, de uma entrevista dada por uma especialista internacional em catástrofes, sobre como preveni-las (ou como diminuir o risco de estas terem lugar) e como ajudar as comunidades afetadas a lidar com as suas consequências. Contudo, a identidade da pessoa entrevistada não me foi revelada na altura em que o texto para traduzir me foi enviado.

O texto em si consistia em cinco perguntas e respostas. A primeira pergunta versava sobre as lições que, na opinião da entrevistada, se podiam retirar do período internacional de ajuda e reconstrução após o tsunami que atingiu diversos países no Oceano Índico, a 26 de dezembro de 2004. A segunda, sobre a existência, ou não, de problemas e soluções relativas às formas de reconstruir as regiões atingidas por catástrofes naturais, ou de prevenir esses desastres. A terceira, sobre se os recentes incêndios em Portugal (Pedrógão Grandes) e Londres (Grenfell Tower) e respetivas vítimas foram consequência de erros e falta de prevenção. A quarta, sobre o papel, nesta matéria, dos organismos públicos, dos cidadãos e da sociedade civil. A quinta, sobre se os riscos de terrorismo devem ser prevenidos e enfrentados como os de outras grandes catástrofes.

A tradução não levantou quaisquer dificuldades de maior, sendo que apenas necessitei de me manter atento, de forma a manter a coerência do texto e um estilo de escrita condizente com o aconselhável a textos do tipo jornalístico, ou seja, manter uma linguagem clara, concisa, imparcial e objetiva.

3.5. Tradução de Texto Sobre a Cidade de Numância

A quarta tradução, realizada com o objetivo de vir a ser publicada como artigo jornalístico, foi a tradução, de espanhol para português, de um texto algo curto sobre a cidade espanhola de Numância, escrito por Amalio de Michalar.

Amalio de Michalar, nono (e atual) Conde de Ripalda, nasceu em Pamplona, fez os seus estudos no Colégio Jesuíta de Burgos (Centro Educativo Nossa Senhora da Mercê e

São Francisco Xavier), antes de obter uma licenciatura em Direito. 1979 foi o ano em que se converteu no titular do Condado de Ripalda, após a morte do seu pai, a 26 de dezembro do ano anterior. Depois de ter trabalho como executivo durante alguns anos na seguradora multinacional Winterthur, realiza, atualmente, alguns trabalhos na área da assessoria empresarial e preside à Foro Soria 21, uma entidade criada para promover o desenvolvimento sustentável dessa mesma província. É também membro do Conselho da Fundação Europeia do Ambiente, com sede em Friburgo, na Alemanha. Em 2014, apresentou a candidatura da zona arqueológica de Numância, no congresso anual do *Europa Nostra*, que teve lugar em Viena, ao estatuto de Património da Humanidade.

No seguimento dessa candidatura da cidade de Numância, o texto debruça-se precisamente sobre o que há de especial na cidade (ou, mais especificamente, nos seus sítios arqueológicos) para fazer merecer tal estatuto. Contudo, debruça-se mais sobre a vertente de princípios universais como o valor da pessoa e da sua dignidade, dos quais, na opinião do autor, Numância é exemplo, além de ser a origem mais remota de uma História e cultura europeias comuns e o último reduto da invasão romana da Península Ibérica.

A tradução em si não apresentou nenhuma dificuldade de monta, pese embora a minha inexperiência na tradução de espanhol para português. No entanto, e ao contrário da tradução de que falei na página anterior, este texto assumia contornos mais parecidos com os de um artigo de opinião, pelo que ao cuidado em manter uma linguagem simples, clara, objetiva e imparcial se juntava o cuidado em não deturpar as palavras do seu autor.

3.6. Tradução da Contracapa e Biografia do Autor do Livro *Inteligência Comercial*

A quinta tradução realizada ao longo do estágio no Grupo Editorial Vida Económica está ligada a uma outra tarefa, sobre a qual me debruçarei mais à frente neste relatório (a revisão da tradução do livro *Inteligência Comercial*, escrito por Luis Bassat), surgindo na sequência desta. Tratou-se da tradução do texto promocional que habitualmente ocupa a contracapa dos livros, assim como da biografia do autor que, normalmente, pontua a aba do livro.

Tal como o livro em si, também estes dois pequenos textos haviam sido escritos originalmente em espanhol, e necessitavam de tradução para português. Um par de línguas no qual, como já referi, não tenho grande experiência. Porém, tratava-se de dois

textos bastante simples, cuja tradução não demorou mais de quarenta minutos nem criou qualquer dificuldade.

Apenas na biografia do autor surgiu uma expressão (*Creu de Sant Jordi*) que me obrigou a realizar alguma pesquisa (ainda que pouca), uma vez que estava escrita em catalão, em vez do castelhano em que fora escrito o resto do texto. Isto explica-se pelo facto de se tratar de um galardão atribuído na Catalunha, região de onde é natural o autor do livro, Luis Bassat.

Depois de escrever *Creu de Sant Jordi* no Google, rapidamente descobri o seu equivalente em espanhol, *Cruz de San Jorge*, que traduzi depois, sem dificuldade, para português, como *Cruz de São Jorge*.

3.7. Tradução de *The Most Expensive Classic Cars*

A sexta tradução realizada por mim no decorrer do estágio no Grupo Editorial Vida Económica consistiu, na verdade, em duas traduções distintas, por assim dizer. Digo isto porque que se tratou da tradução, de inglês para português, de uma infografia e de um comunicado de imprensa relacionados entre si e sobre o mesmo tema. A infografia, intitulada *The Most Expensive Classic Cars*, é da autoria da plataforma *moneysupermarket.com*, enquanto o comunicado de imprensa foi divulgado com a assinatura de Pete Campbell (da Kaizen, a entidade que colaborou também na investigação que levou à publicação da infografia) e Simon Ansell (da *moneysupermarket.com*).

Moneysupermarket.com Group PLC é uma plataforma *online* de comparação de preços sediada no Reino Unido, que se especializa em serviços financeiros. A plataforma permite aos consumidores compararem os preços de uma vasta gama de produtos, desde hipotecas, cartões de crédito e empréstimos. O negócio foi fundado em 1993, por Simon Nixon (na altura, estudante na Universidade de Nottingham), e Duncan Cameron, sob o nome Mortgage 2000. Em 1999, foi lançado o *moneysupermarket.com*, que fornecia informações sobre hipotecas *online*. Desde então, o negócio desenvolveu-se, até adotar os moldes que tem atualmente. De acordo com o website da própria empresa, o seu objetivo é ajudar as pessoas, de forma independente, a gerirem melhor o seu dinheiro, de modo a conseguirem poupá-lo e fazê-lo crescer. Atualmente, o *moneysupermarket.com* trabalha em parceria com quase 200 outras empresas.

A infografia em si é, precisamente, como o título deixa antever, uma lista dos carros clássicos (construídos antes de 1990) de cada uma das marcas mais conceituadas (*Ferrari, Bugatti, Rolls-Royce, Bentley*, entre outras) que protagonizaram as maiores vendas de sempre em leilões públicos, incluindo, ao mesmo tempo, fotografias dos carros mencionados, assim como curtos parágrafos sobre a história de cada veículo, de forma a explicar como adquiriram o seu valor, com o objetivo de demonstrar como estes carros podem ser bons investimentos.

Por sua vez, o comunicado de imprensa faz uma espécie de antevisão da infografia, revelando algumas das suas premissas, assim como algumas das entradas da lista nela contida. Além disso, refere ainda uma outra venda, a título de curiosidade, que, pelo seu valor “demasiado baixo”, não entrara na lista da infografia: a venda por mais de 4 milhões de dólares do *Batmobile* original, que havia sido comprado, antes de o ser, por apenas 1 dólar.

A infografia não apresentou quaisquer dificuldades ao nível da tradução, com um vocabulário bastante acessível.

Porém, o facto de esta me ter sido entregue em formato de imagem, um formato não suportado pelo software *SDL Trados Studio*, obrigou-me a mudar de estratégia de tradução.

Assim, tive de recorrer a uma ferramenta online de OCR para conseguir um ficheiro em formato editável e, depois de realizada a tradução, vi-me forçado a recriar eu próprio a formatação da infografia, também com a ajuda de uma outra aplicação que acho muito útil para a captura de *screenshots*: *Lighthouse*. Este processo consumiu-me bastante tempo, muito mais do que o fizera a tradução.

Por outro lado, o comunicado de imprensa já levantou algumas questões, devido à utilização, pelos seus autores, de alguns trocadilhos na construção dos subtítulos do documento, muitos deles relacionados com o mundo automóvel.

O primeiro deles, *Driving the Price Up*, apresenta um trocadilho envolvendo a palavra *drive* (conduzir, em português) e a expressão idiomática que significa *fazer subir o preço*. Esta foi precisamente a opção que escolhi como a tradução mais adequada.

O subtítulo seguinte, *Driving a Hard Bargain*, faz uso do mesmo trocadilho, desta vez, conjugado com uma expressão idiomática que significa manter ou conduzir negociações

complicadas ou difíceis, ou ser um parceiro de negociação exigente. Neste caso, optei por traduzir este subtítulo para *Negócios Difíceis*, mantendo o significado da expressão e a acutilância do subtítulo. No entanto, mais tarde, depois de refletir um pouco sobre o assunto, viria a considerar *Conduzindo Negócios Difíceis*, uma expressão que se adequaria como uma luva a este contexto, como sendo uma melhor opção.

O terceiro exemplo, *Prices to Drive a Person Batty*, faz uso de mais um trocadilho. No entanto, desta vez, a inspiração do trocadilho não é o universo automobilístico, mas o *Batmobile*, algo que só me ocorreu depois de pesquisar o adjetivo *batty* (que parece substituir a palavra *crazy* na expressão mais comum *drive a person crazy*) no *Urban Dictionary*, um dicionário de termos de linguagem informal e urbana, como o seu próprio nome indica. Quando me apercebi do trocadilho com a palavra *bat*, de acordo com o contexto dos parágrafos que se seguem a esse subtítulo, acabei por traduzi-lo para *Preços Loucos*.

Nas três ocasiões, optei por não transpor os trocadilhos para a língua de chegada, uma vez que não era possível encontrar uma correspondência exata em termos do significado que os autores pretendiam transmitir.

3.8. Tradução de Venezuela: *The Crisis Worsens Further*

A sétima tradução realizada por mim no âmbito do estágio curricular no Grupo Editorial Vida Económica envolveu a tradução, de inglês para português, de um texto intitulado *Venezuela: The Crisis Worsens Further*, escrito por Patricia Krause sob a alçada da empresa COFACE, que, no fundo, pode ser considerada a verdadeira autora do texto.

A COFACE é, há 70 anos, uma líder mundial em seguro de crédito, ajudando as empresas a realizar negócios duradouros e contribuindo, assim, para a criação sustentável de riqueza em todo o mundo. Está diretamente presente em 66 países, apesar de os seus serviços cobrirem 200 países em todo o mundo, empregando cerca de 4 578 trabalhadores. A COFACE aconselha as empresas em cada fase do seu ciclo de negócios, ajudando-as a antecipar e avaliar os seus riscos, contribuindo para a tomada de decisões corretas.

O texto em si debruçava-se sobre a instabilidade que se vive atualmente na Venezuela, com a polémica eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte (ANC), que terá o

poder de reescrever a Constituição do país, de modo a favorecer o seu atual presidente, Nicolas Maduro. Além de fazer esse relato da situação, apresenta também alguns dos riscos que esta apresenta para os mercados financeiros internacionais. É difícil perceber com certeza qual será o público-alvo deste texto. Poderão ser os clientes da empresa, assim como se pode tratar de um relatório interno. De qualquer forma, pode partir-se do princípio de que o texto foi escrito para ser lido por alguém entendido nas questões mencionadas, como comprova o uso de algum vocabulário mais técnico, nomeadamente na parte do texto que versava sobre os riscos para o mercado, como, por exemplo: *credit-default swaps, principal and interest payments e foreign exchange*.

As maiores dificuldades que encontrei residiram precisamente na tradução destes termos e de outros do mesmo cariz. Para conseguir a melhor tradução possível, procurei consultar os glossários económicos e financeiros que já tinha utilizado previamente no decorrer do estágio, na tradução do documento *7 Hábitos de Investidor Bem-Sucedido*. Além disso, consulte também a plataforma *online Linguee*, de modo a tentar encontrar equivalências para esses termos na língua portuguesa, sempre tendo o cuidado de verificar a proveniência das frases citadas no *website*. Graças a este processo, acabei por chegar à conclusão de que as melhores traduções, para os termos mencionados acima seriam, respetivamente: *swaps de risco de incumprimento de crédito, reembolsos de capital e de juros e reservas cambiais*.

Encontrei ainda no texto dois acrónimos, *m/m* e *kb/d*, que nunca tinha visto antes, e que, por essa mesma razão, me criaram dificuldades.

A primeira estava inserida na frase “(...) *prices rose by 18.3 % m/m in May this year* (...)”. Depois de pesquisar durante algum tempo em diversos dicionários de abreviaturas e acrónimos, não consegui encontrar um significado explícito. Tendo encontrado, depois, várias notícias em que este mesmo acrónimo é utilizado, deduzi, pelo contexto, que esta poderia significar algo como *em relação ao mês anterior*, que foi precisamente a solução que utilizei na minha tradução.

O segundo acrónimo estava inserido na frase “(...) *the main importer of Venezuelan oil, with roughly 740 kb/d* (...)”. Neste caso, apesar de se poder depreender pelo contexto em que estava inserido que o seu significado teria algo a ver com a indústria do petróleo, achei por bem fazer alguma pesquisa, de modo a certificar-me e não realizar uma tradução errada. As minhas suspeitas vieram a ser confirmadas, com o acrónimo a significar

milhares de barris por dia. No entanto, e tendo em conta o público-alvo desta tradução, que já referi anteriormente, e o facto de se tratar de uma unidade de medida, decidi manter *kb/d*, tal como se podia ler no original.

Esta foi a última das traduções realizadas por mim durante este estágio curricular, não contando com a retroversão que abordarei de seguida e que foi a tarefa principal deste período de formação e reflexão contínuas.

3.9. Retroversão de *O Efeito Trump e o Brexit*

3.9.1 Sobre a Obra e o Autor

Como já referi, a obra que foi alvo da minha retroversão ao longo do estágio foi *O Efeito Trump e o Brexit*, da autoria M. Jorge C. Castela.

Manuel Jorge Cardoso Castela é advogado e economista, correntemente a tirar um Doutoramento em *Securities Law*, no 7º Doutoramento da Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Tem uma Pós-Graduação em Direito dos Valores Mobiliários pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa/IVM, com uma Pós-Graduação em Gestão na AESE, a escola de negócios da Associação de Estudos Superiores de Empresa, e Mestrado em Ciência Política pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Foi administrador e diretor de diversas empresas, assim como *Investor Relations* junto da CMVM e *Capital Markets Representative* na SEC, *Securities and Exchange Commission*, e na NYSE, *New York Securities Exchange*.

Antes de escrever este livro, tinha já produzido diversas outras obras: *Economia da Oferta (Supply-Side Economics): Teoria e Política; As Sociedades Abertas e os Mercados Financeiros* – Ed. Vida Económica, Porto, 2000; *A Constituição da República Portuguesa e o Estatuto no Tribunal Penal Internacional* – Ed. Vida Económica, Porto, 2002; *O Neoconservadorismo e a Economia de Oferta (NeoConservatism & Supply-Side Economics): Teoria e Política* – Ed. Vida Económica, Porto, 1990; *Direito Europeu das Sociedades (Coletânea de Legislação)* – Ed. Vida Económica, Porto, 2005, em coautoria com o Professor Doutor Rui Pinto Duarte.

Além disso, é colaborador no semanário *Vida Económica* (para o qual escreve crónicas mensais desde agosto de 2000) e autor de vários artigos publicados sobre Mercados Financeiros, *Law & Economics*, *Corporate Governance*, Teoria Económica, Fiscalidade, Recursos Humanos, Contratação Coletiva e Basquetebol, em várias publicações,

coletâneas, *sites*, *blogs* e revistas especializadas de Economia e Gestão, Direito e Desporto.

A obra em si, é controversa e acutilante, contendo todos os ingredientes necessários para suscitar polémica e promover um debate esclarecido sobre os dois temas abordados com maior profundidade e que são, por isso, referidos no próprio título do livro: o Brexit e as eleições norte-americanas, que culminaram na eleição de Donald Trump como 45º Presidente dos Estados Unidos da América.

Nas palavras de André Ventura, que faz uma breve apresentação da obra, este não é um livro que seja polémico apenas para o ser. A sua controvérsia surge naturalmente emanando das palavras e do pensamento do autor, sem medo de trazer para cima da mesa as implicações que se exigem.

É um livro que não deixará ninguém no panorama político e social em Portugal indiferente. Menciona temas prementes e incontornáveis da Europa dos nossos dias, desde o enredo do terrorismo fundamentalista ao futuro da NATO, passando pelo populismo, os extremismos políticos, o crescente isolacionismo, etc.

André Ventura afirma ainda que este livro “*é uma pedrada no charco do pensamento dominante, numa altura em que os diversos populismos emergentes fazem verdadeiramente vacilar o mundo que habitamos. Jorge Castela consegue um feito notável: vai ao âmago de assuntos extraordinariamente complexos de forma límpida e assertiva. Um verdadeiro tratado sobre o mundo em que vivemos*”.

O livro foi originalmente publicado em português em março de 2017, pelo grupo Editorial Vida Económica. A retroversão realizada por mim foi feita tendo em vista a sua publicação em formato *e-book*.

Além da retroversão desta primeira edição, já publicada, realizei também a retroversão das páginas que o autor decidiu acrescentar com vista à publicação de uma segunda edição, que deverá coincidir com a publicação do *e-book* de língua inglesa.

Este novo conjunto de páginas, dividido em diversas partes (a serem enxertadas na parte do livro correspondente), consiste numa análise dos resultados das eleições já realizadas na Europa até ao momento (em França, na Holanda e as eleições antecipadas convocadas por Theresa May, no Reino Unido), numa análise do trabalho da Administração de Donald Trump durante os primeiros cem dias do seu mandato e numa

reflexão sobre a possibilidade e as implicações de uma possível guerra entre o Irão e a Arábia Saudita.

O livro tem como público-alvo todos aqueles que possam ter alguma curiosidade e interesse pelas questões discutidas ao longo das suas páginas, e que dominam também a imprensa e o nosso quotidiano. Também se dirige àqueles que, estando por dentro das áreas das Relações Internacionais, Diplomacia e Economia, necessitem de estar ainda mais a par de tudo o que é dito (e, neste caso, escrito) sobre o assunto. Por esta razão, o nível de língua alterna, por vezes, entre o mais cuidado e o mais informal, com recurso a expressões idiomáticas e a provérbios populares.

Tendo isto em conta, debruçar-me-ei, de seguida, sobre as dificuldades e dúvidas que surgiram ao longo da retroversão de português para inglês.

Após a conclusão da minha retroversão, esta foi enviada para uma revisora da confiança do autor, antes de ser enviada para o editor afeto ao Grupo Editorial Vida Económica, para que fossem dados os toques finais em termos de formatação e do aspeto geral do *e-book* que, não tendo ainda sido publicado, o deverá ser em breve. Entretanto, o autor do livro felicitou-me por aquilo que considerou ser um “excelente trabalho”.

3.9.2 Análise da Retroversão

Realizarei, nesta parte do relatório, uma análise das dificuldades e dúvidas que surgiram ao longo da minha retroversão da obra *O Efeito Trump e o Brexit*, pela ordem em que surgiram no livro.

A primeira dúvida com que me deparei surgiu logo na retroversão da ficha técnica do livro, onde o autor deixara uma curta nota, afirmando que a sua obra não respeitaria as normas do Novo Acordo Ortográfico. Apesar de ser uma observação pertinente no contexto da sociedade portuguesa, dificilmente teria qualquer significado para a sociedade norte-americana, a recetora desta retroversão. Depois de ter chegado a esta conclusão, decidi deixar aquela frase de fora da retroversão.

Seguiram-se as retroversões das palavras *caranguejola* e *geringonça*. Mais uma vez, estas são duas palavras carregadas de significado para a sociedade portuguesa. O primeiro termo é habitualmente usado para designar os tempos do governo de Pedro Passos Coelho, que, durante a fase mais dura da crise, foi marcante pelas suas medidas de austeridade. O segundo tornou-se célebre quando os partidos da oposição o utilizaram

para designar o atual governo de António Costa, devido ao facto de este ser composto pelos três partidos “de esquerda”. *Geringonça* pode facilmente ser traduzido por *contraption* e manter o mesmo significado. Porém, tive alguma dificuldade em encontrar um equivalente para *caranguejola*. Inicialmente, tomei a decisão de manter a palavra em português na retroversão, explicando o seu significado em detalhe numa Nota do Tradutor. Contudo, aquando da revisão da retroversão, a própria revisora sugeriu-me a palavra *contrivance*, uma sugestão que, devido ao conhecimento possuído pela revisora sobre a língua e a cultura de chegada, decidi aceitar.

A tradução dos nomes das universidades frequentadas, quer pelo autor do livro, quer pelo autor do prefácio (chamado de “Introdução” no livro), também me levantaram algumas dúvidas, por se tratarem de nomes de organizações. Nomeadamente, refiro-me à tradução de *Universidade Nova de Lisboa*, assim como de *Faculdade de Direito da Universidade Agostinho Neto*. Neste caso, a solução chegou-me através das minhas anteriores experiências tradutivas. Já tinha feito previamente a retroversão de um documento, noutra âmbito que não o do meu estágio curricular, em que traduzira o nome do próprio ISCAP para inglês, assim como os nomes de outras faculdades. Assim, decidi traduzir estes nomes para *New University of Lisbon* e *Faculty of Law of the Agostinho Neto University*.

Seguidamente, foi o nome da obra *Justiça, Corrupção e Jornalismo: os Desafios do Nosso Tempo*, escrita por André Ventura e mencionada na biografia do mesmo, a causar alguma dúvida, não em termos semânticos, mas pelo facto de se tratar de uma obra cujo título ainda não possui qualquer tradução reconhecida em inglês. Sendo esse o caso, na altura em que realizei esta retroversão, decidi manter o título da obra em português, algo que agora, e apesar de a pessoa que realizou a revisão da minha retroversão nada ter dito sobre isso, vejo como um erro. À luz da maior experiência que adquiri durante este estágio, percebo agora que um tradutor deve ter a confiança de sugerir as suas próprias traduções, que poderão depois tornar-se reconhecidas pela língua de chegada.

Surgiram, então, no texto de partida, duas expressões idiomáticas típicas da língua portuguesa: *uma pedrada no charco* e *fuga para a frente*. Tratando-se de expressões idiomáticas, a sua tradução bem-sucedida está dependente do conhecimento que o tradutor tem da língua de chegada. Neste caso, felizmente, eu conhecia o equivalente de *uma pedrada no charco*, que traduzi para *a ripple in the pond*. Porém, não conhecia o equivalente de *fuga para a frente*. Ainda tentei chegar a um equivalente através da

pesquisa *online*, mas sem sucesso. Por fim, acabei por traduzir toda a expressão para *flight* apenas, numa tentativa de manter algum do significado da expressão original.

A expressão *gaibéus de Alves Redol* levantou também sérias dúvidas que, ainda hoje, não foram completamente decifradas. Neste caso, o problema residia ainda antes da busca por equivalente tradutivo, no significado da expressão, que eu nunca tinha visto antes, em português. Depois de pesquisar, apercebi-me que *gaibéus* era o nome dado aos camponeses do Norte do Ribatejo ou da Beira da Baixa, a quem Alves Redol dedicou o seu livro homónimo. Porém, mesmo sabendo o seu significado em português, não conseguir encontrar um equivalente em inglês, pelo que mantive o original *gaibéus*, fazendo apenas mudanças na estrutura, de modo a adaptá-la à língua inglesa, processo do qual resultou a expressão *Alves Redol's gaibéus*.

Depois, surgiu algo que eu ainda não tinha encontrado nesta tradução. Um erro tipográfico cometido pelo autor. À primeira vista, pensei que pudesse tratar-se de uma expressão que eu desconhecesse, uma vez que nunca tinha visto tal expressão. Porém, quando fiz uma pesquisa pela expressão (*crownding in*, a expressão errada) na plataforma *online Linguee*, foi-me sugerida a expressão correta, *crowding in*. Claro que, depois de ver esta sugestão, ainda confirmei esta hipótese em outros sites, como o *Google* (onde realizei uma pesquisa geral pela expressão errada e nada surgiu) ou o *Reverso* (onde uma tradução automática da expressão não deu resultados satisfatórios). No entanto, e tendo em conta que não era necessário traduzir esta expressão, uma vez que estava a realizar uma retroversão precisamente para a língua inglesa, apenas me limitei a corrigir este erro tipográfico.

Mais à frente, voltou a surgir uma expressão idiomática que é muito conhecida na nossa língua portuguesa: *até que o feitiço se volte contra o feiticeiro*. Para mim, esta expressão foi mais fácil de traduzir uma vez que já conhecia previamente o seu equivalente na língua inglesa. Assim, optei por traduzi-la para *until they get a taste of their own medicine*. Esta expressão surgiu por duas vezes ao longo do livro.

Foi neste momento que aconteceu algo que poderia ter dificultado bastante a minha tarefa: foi-me entregue uma versão mais recente do livro, com diversas alterações a todos os níveis. Isto significava que eu deveria esquecer a versão anterior, parte da qual já eu vertera para a língua inglesa.

Assim, fui forçado a criar um novo projeto de tradução no *SDL Trados Studio*, o

software que, como referi, utilizei ao longo de toda esta retroversão. Porém, a tarefa de repetir a retroversão dos segmentos que já havia traduzido na versão anterior do livro foi-me facilitada pela existência da memória de tradução que eu criara logo no início da retroversão, embora esta não tivesse sido criada com esse propósito, mas sim com o de guardar as opções tomadas por mim nesta retroversão, para futuras utilizações. No fundo, foi o que acabou por acontecer, na medida em que o conteúdo que produzi me ajudou a repetir a retroversão, tendo bastado apenas preencher os espaços que não haviam sido preenchidos pela memória de tradução, espaços esses que correspondiam às alterações que haviam sido introduzidas no texto de partida.

Ao longo da obra, o autor faz uso de diversas citações, em português, de discursos proferidos noutras línguas (maioritariamente, em inglês) por personalidades políticas de interesse para o tema a ser discutido. A primeira delas surgiu quando o autor se debruçava sobre o Brexit, e dizia respeito à resposta de Theresa May no Parlamento Britânico às perguntas dos deputados da oposição. Depois de refletir sobre se devia realizar uma retroversão dessa citação ou utilizar as palavras originais de Theresa May, optei pela segunda hipótese. Sendo assim, fiz uma pesquisa no *Google* em busca de um relato das palavras proferidas pela primeira-ministra britânica na data mencionada no livro e acabei por encontrá-las numa página *online* do *Sunday Express*.

Repeti esta decisão e este processo (porém sempre com fontes diferentes), nos inúmeros casos em que o autor do livro citou diversos intervenientes do palco político internacional. Utilizei documentos como o programa eleitoral do UKIP (o *UK Independence Party*), o próprio Tratado de Lisboa da União Europeia e o discurso proferido por Donald Trump no dia da sua tomada de posse.

Neste último caso, porém, a decisão foi facilitada pelo facto de o discurso original me ter sido fornecido pelo próprio autor do livro. O mesmo aconteceu ainda com o programa eleitoral de Donald Trump e os seus planos a curto, médio e longo prazo. Em ambas as ocasiões, limitei-me a introduzir na minha retroversão esses mesmos parágrafos fornecidos pelo autor que, de facto, facilitaram o meu trabalho no capítulo dedicado ao novo presidente dos Estados Unidos da América.

Houve ainda ocasiões em que as citações eram introduzidas no livro na ordem errada. Quer isto dizer que algo que fora proferido em último lugar nas declarações originais (de Theresa May, por exemplo, em cujas citações detetei este mesmo problema por duas

vezes) poderia aparecer em primeiro lugar na citação colocada no livro pelo autor, o que me levou a ponderar sobre se deveria incluir a citação na minha retroversão pela ordem em que esta surgia no texto de partida ou pela ordem em que esta havia sido proferida originalmente. Depois de refletir sobre este tema durante algum tempo, decidi manter a citação na ordem apresentada no texto de partida.

Numa outra ocasião, o autor citou “vagamente” um par de documentos relacionados com a adesão da Turquia à União Europeia, publicados nos canais oficiais da própria União. Encontrei facilmente as versões originais desses documentos, porém, estes não serviram de grande ajuda, uma vez que, apesar de o autor tratar como citações os excertos referidos, estes eram meramente baseados nos textos originais, e não citações diretas.

Depois de se debruçar sobre o Brexit, o autor concentrou-se nas eleições que tiveram lugar na Holanda, a 15 de março de 2017.

Tendo em conta que eu não possuía grande conhecimento sobre o sistema eleitoral holandês, achei por bem consultar um artigo muito abrangente, publicado pelo jornal inglês *The Guardian* a 2 de março de 2017¹¹, que me ajudou inclusivamente com o vocabulário relativo a este assunto.

Além disso, a tradução de Holanda deixou-me com algumas dúvidas. Seria *Holland* ou *the Netherlands*? Depois de realizar a pesquisa habitual, não cheguei a nenhuma conclusão, uma vez que ambos os nomes pareciam ser aceitáveis. Porém, havia ainda uma decisão a tomar.

Assim, recorri à ajuda daqueles que se encontram em melhor posição para sugerir o nome mais correto: os próprios holandeses. Criei uma publicação, explicando a minha situação e o objetivo da minha pergunta, que deixei na principal comunidade holandesa presente no *Reddit* (uma plataforma de debate, agregação de notícias e avaliação de conteúdo). Após a resposta de diversos membros dessa comunidade, chegou-se a um consenso de que o termo mais indicado seria *the Netherlands*, enquanto *Holland* serviria apenas para designar uma determinada região dentro daquele país.

O acrónimo *s.m.o* (*salvo melhor opinião*, na sempre complexa linguagem jurídica) também me causou algumas dúvidas, tendo em conta que se trata, no fundo, de uma

¹¹ The Guardian (March 2, 2017). “Dutch elections: all you need to know” in *The Guardian*. Retrieved April 16, 2017, from <https://www.theguardian.com/world/2017/mar/02/dutch-parliamentary-elections-everything-you-need-to-know-brexit-vote-trump-geert-wilders>.

expressão idiomática, cujo equivalente em inglês eu desconhecia. Por essa razão, e não tendo encontrado melhores opções, decidi realizar uma paráfrase da frase incluída no texto de partida, contornando qualquer menção a esta expressão.

A expressão *não-crentes* (referindo aqueles que não acreditavam no islamismo de Maomé) era, precisamente pelo seu contexto, mais traiçoeira do que poderia parecer à primeira vista. À partida, poderia pensar-se que a retroversão mais adequada seria *non-believers*, a expressão mais comumente utilizada. Porém, o Corão, livro sagrado do Islão, apresenta uma designação própria para aqueles que não seguem a religião, e que é referida por diversas vezes na tradução inglesa reconhecida: *the Unbelievers*. Além disso, verifiquei a existência de um livro chamado *Mohammed and the Unbelievers*, publicado pelo Centro para o Estudo do Islão Político, o que ajudou a cimentar a minha decisão.

A própria retroversão de *Corão* levantou algumas dúvidas, devido à existência de diversas possibilidades: *Quran*, *Qur'an* e *Koran*. Porém, depois de verificar a sua recorrente utilização em diversos documentos publicados pela União Europeia e, por isso mesmo, de carácter profundamente oficial, decidi utilizar o termo *Koran*.

O autor introduz ainda alguns versos do Corão, em português, no seu livro. Para realizar a retroversão destes versos, decidi procurar uma tradução já reconhecida do livro sagrada para inglês, o que aconteceu no *website quran.com.*, ao qual voltei a recorrer por diversas vezes no decorrer da retroversão.

A referência, durante uma citação de um discurso dado por Geert Wilders, líder da extrema-direita holandesa, de um programa da televisão holandesa, fez-me refletir sobre o que fazer em casos do género. Depois de consultar algumas teorias da tradução, nomeadamente, as soluções para problemas de tradução avançadas por Newmark (1980), e que referi anteriormente neste relatório de estágio, decidi utilizar uma combinação de duas soluções: transcrição e definição. Assim, mantive o nome do programa em holandês na retroversão, acrescentando, entre parêntesis retos, a tradução literal do seu nome para inglês, assim como uma breve explicação. Desta solução, resultou o seguinte excerto: *Opsporing Verzocht [Wanted Criminals, a Dutch television show]*.

A expressão *telhas onduladas* levantou algumas dúvidas pelo carácter algo específico do vocabulário contido nela. Para tentar chegar a um termo equivalente em inglês, comecei por procurar informações sobre tipos de telhas. Quando isso não produziu quaisquer resultados, decidi realizar a retroversão literal da expressão, traduzindo

onduladas para *corrugated* e *telhas* para *tiles*. Em seguida, uma pesquisa no *Google* acabou por confirmar a validade da minha retroversão.

O título do livro *Os Sinos da Igreja Tocarão Amanhã?* também requereu alguma pesquisa, em busca de uma tradução já estabelecida na língua inglesa, que encontrei numa página do Gatestone Institute. Assim, na minha retroversão, o título deste livro passou a ser *Will the Church Bells Ring Tomorrow?*

A morada do *Charlie Hebdo*, referida no livro aquando da reflexão do autor sobre o atentado perpetrado nesse jornal a 7 de janeiro de 2015, foi de difícil adaptação à cultura norte-americana, em especial, porque eu não estou familiarizado com a estrutura das moradas na língua inglesa. Para chegar a uma adaptação satisfatória da morada, consultei os websites de diversas empresas com sede nos Estados Unidos da América e repeti a estruturas dessas moradas para criar a minha retroversão.

A minha dúvida seguinte surgiu com a palavra *não-despicienda*, cujo equivalente em inglês é *non-negligible*. Contudo, apesar de ter um encontrado um equivalente para esta palavra, não consegui ter certezas absolutas, por isso, e tendo em conta que nada seria acrescentado à frase, podendo, pelo contrário, torná-la ainda mais confusa, decidi não a incluir na minha retroversão. Apesar disso, nenhuma informação foi perdida.

Mais à frente, encontrei a tradução do excerto “*shahada*”, a “*profissão de Fé muçulmana*” no livro *Crucified Again: Exposing Islam’s New War on Christians*, escrito por Raymond Ibrahim, processo do qual resultou o seguinte excerto: “*shahada*”, the “*profession of Muslim Faith*”.

Em seguida, o autor utilizou uma expressão que me soou um pouco estranha, mesmo em português: *escola de adolescentes*. Assim mesmo, sem nenhum contexto específico e sem que estes “adolescentes” fossem descritos de forma mais detalhada. Mesmo na língua portuguesa, esta expressão parece não ter qualquer significado relevante (exceto, talvez, o de afastar a ideia de que se poderia tratar de uma escola primária ou de uma universidade). Por essa razão, decidi traduzir essa expressão para *school* apenas, sem que isso retirasse qualquer potencial significado à frase em causa.

Seguidamente, foi uma utilização peculiar da palavra *tíbia* a levantar-me dúvidas. Normalmente, uma tibia é um osso da canela localizado entre os ossos do pé e os ossos do joelho. Porém, no contexto em questão, a palavra estava a ser utilizada como um

adjetivo, e não como substantivo. E, como adjetivo, significa *morno, fraco*. Tendo isso em conta, acabei por traduzir *tíbia* para *feeble*, equivalente de fraco ou frágil em inglês.

A concordância de número entre *the United States* e o verbo causou-me algumas dúvidas. Em princípio, pensar-se-ia que *the United States* seria seguido por um verbo no plural. Porém, depois de consultar um fórum em que se discutem dúvidas gramaticais relativas à língua inglesa (*English Forums*), fiquei a saber que os americanos gostam de se referir ao seu país como uma só nação (apesar de este se encontrar dividido em vários estados), devido ao sentimento de unidade que emergiu após a Guerra Civil Americana (1861-1865) e, por isso, utilizam o verbo no singular a seguir ao substantivo referido.

Um pouco mais à frente no livro, detetei neste um erro. O autor, debruçando-se sobre algumas das reações à vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA, refere um partido belga de extrema-direita, a cujo líder chama Vlaams Belang. Na verdade, Vlaams Belang é o nome do partido, e não do seu líder, chamado Tom Van Grieken. Nesta ocasião, eu corrigi este erro na minha retroversão, ao mesmo tempo que comuniquei ao autor o erro detetado no texto de partida.

Estranhamente, a retroversão da palavra *cinzento* também levantou dúvidas. Isto, porque duas opções são viáveis na língua inglesa: *gray* e *grey*. As duas palavras têm exatamente o mesmo significado, diferindo apenas na sua grafia. Contudo, depois de consultar o *website Grammarist*, decidi optar por *gray*, uma vez que esta grafia é mais utilizada no inglês falado nos EUA, enquanto *grey* é mais utilizada em todas as outras variedades de inglês.

Por uma segunda vez, surgiu no texto de partida uma palavra que eu nunca tinha visto antes. Todavia, desta vez, não se tratava de um erro tipográfico. A palavra em questão era *jaez*. Depois de uma aturada pesquisa, não consegui encontrar um equivalente exato, porém, pelo contexto de algumas frases que encontrei, compreendi que significaria algo parecido com *a natureza/carácter de* e realizei a minha retroversão de acordo com essa hipótese, para *nature*.

De seguida surgiu um caso parecido com aquele que envolvia a palavra *cinzento*. Neste caso, porém, o foco era a palavra *conselheiro*. Em inglês, as duas opções eram *advisor* e *adviser*. Depois de fazer alguma pesquisa, descobri que *advisor* é característico de certos cargos, com maior continuidade, uma definição em que se enquadrava o cargo em questão: *National Security Advisor*. Poucas linhas mais à frente, contudo, o autor refere

o cargo de *senior advisers*, utilizando esta mesma designação, já em inglês, no texto de partida. Nesta ocasião, precisamente por essa razão, optei por fazer uma transcrição dessa designação.

Ao longo de toda a retroversão, tive de manter-me atento à utilização do itálico por parte do autor do texto de partida. Muitas vezes, este recurso era utilizado para destacar as citações incluídas no texto pelo autor, mas também para destacar algumas expressões em inglês (ou outras línguas). Sempre que o objetivo era este último, e apenas relativo à língua inglesa, eu decidi não manter o itálico, uma vez que essas expressões ou palavras em inglês já não eram estrangeirismos no texto de chegada.

Já perto do final da retroversão, deparei-me ainda com mais uma expressão idiomática: *ficar bem na fotografia*. Novamente, conhecia o equivalente desta frase na língua inglesa, por isso, a dificuldade que potencialmente poderia ter surgido diluiu-se e traduzi esta expressão para *be seen as the good guys*.

Além da utilização do itálico, também tive de me manter atento à coerência na retroversão de certos termos (ou expressões) ao longo de todo o texto, tais como: *califado mundial (global caliphate)*, *eleitores-contribuintes (taxpayers-voters)* e *Corão (Koran)*, de que já falei anteriormente.

A dada altura, deparei-me com uma pergunta que aparecia em francês no texto de partida – *Après l’attentat de Berlin, faut-il interdire les marchés de Noël en France?* –, contrastando com o português que era regra até então. Percebendo que a introdução de tal questão fora uma ação deliberada por parte do autor, para emprestar ênfase ao seu argumento, mantive a pergunta tal como ela aparecia no texto de partida.

O autor fez ainda uma referência a Calimero, uma personagem de uma série de desenhos animados, a quem comparou uma determinada personalidade da política nacional. Sendo que estes desenhos animados nunca passaram na televisão norte-americana, seria impossível transpor esta referência para esta cultura. Assim, optei meramente por utilizar a palavra *child* como equivalente a esta referência, baseando-me numa definição de “Síndrome de Calimero” que encontrei após uma aturada pesquisa *online* que não produziu grandes resultados. Contudo, e já durante a produção deste relatório de estágio, surgiu-me a ideia de traduzir a expressão para *whining child*, que agora reconheço como mais adequada do que a tradução anteriormente utilizada. Apesar de, nessa altura, já ser impossível introduzir esta alteração na minha retroversão, é sempre

útil a um tradutor perceber como pode melhorar as suas traduções, de forma a realizar um trabalho ainda melhor no futuro.

A retroversão da palavra *traquitana* (mais uma palavra usada para caracterizar um governo português, neste caso, o governo de José Sócrates) levantou tantas dúvidas como as retroversões de *caranguejola* e *geringonça*. Porém, desta vez, não esperei por uma recomendação da revisora, e avancei com o termo *rattletrap*, que era, nada mais, nada menos, que uma tradução literal de *traquitana*.

Por último, debruço-me sobre a referência do autor à PJ (a Polícia Judiciária). Nos Estados Unidos da América não existe uma entidade estritamente equivalente à PJ portuguesa, pelo que optei por, na minha retroversão, substituir esta referência específica por, simplesmente, *the police*.

Foram estas as principais dificuldades e dúvidas que encontrei ao longo desta retroversão que, como já referi, foi a tarefa principal do meu estágio no Grupo Editorial Vida Económica, sabendo, de antemão, que caso de tratasse de uma tradução de inglês para português, esta lista seria provavelmente mais curta. Isto porque a realização de uma retroversão cria sempre dificuldades acrescidas, pelo facto de o texto de chegada estar a ser produzido numa língua de chegada que não é nativa para o tradutor (caso este não seja bilingue, ou seja, tenha igual conhecimento relativamente a um determinado par de línguas). Porém, como eu próprio comprovei, mesmo o menor conhecimento do tradutor da língua de chegada (em relação à sua língua nativa) não é um impedimento à realização de uma tradução de qualidade, desde que o tradutor domine uma outra competência que é igualmente importante para a ideal realização do seu trabalho: a capacidade de utilizar os recursos à sua disposição (quer aqueles que estão disponíveis *online*, quer aqueles que ele próprio vai desenvolvendo para si próprio ao longo da sua carreira, como memórias de tradução, bases de dados e glossários) para tomar as melhores decisões tradutivas possíveis.

Ao contrário do que acontecerá com as restantes tarefas de tradução realizadas ao longo deste estágio (que disponibilizarei em anexo multimédia no CD-ROM que acompanhará este relatório), não poderei incluir nos anexos deste relatório nenhum dos textos trabalhados durante esta retroversão (quer o de partida, quer o de chegada), uma vez que estes se encontram protegidos pela lei dos direitos de autor.

No capítulo seguinte, abordarei uma outra categoria de tarefas – as revisões –, mas não

sem antes fazer uma revisão da literatura relativa ao próprio conceito de revisão.

4. Revisão

4.1 Revisão da Literatura

A revisão é umas das duas atividades que fazem parte da realização de uma tradução, juntamente com a edição. Embora estes dois processos estejam interligados, uma vez que a edição ocorre sobre os problemas detetados previamente na revisão, neste relatório de estágio (e, neste capítulo, em particular) apenas abordarei a fundo a revisão, uma vez que não realizei quaisquer tarefas de edição ao longo do meu estágio.

A revisão é um processo que faz parte do quotidiano de qualquer empresa de tradução. Porém, Garcia (2009: 4) afirma que as revisões, assim como qualquer outro processo relacionado com o controlo da qualidade de uma tradução, devem seguir padrões muito específicos, estabelecidos pelas diversas entidades que regulam esta atividade, quer a nível internacional, quer a nível interno de cada país. São exemplos de entidades desse género, com influência mais abrangente, a ISO (*International Standards Organization*), o CEN (Centro Europeu de Normalização), e a LISA (*Localization Industry Standards Association*); e, com uma esfera de influência mais restrita, a AENOR (Associação Espanhola de Normas de Qualidade), a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e o IPQ (Instituto Português de Qualidade).

No que diz respeito à tradução, a norma EN 15038:2006 foi a primeira a nível europeu a estabelecer os requisitos necessários para a prestação de serviços de tradução de qualidade, no que se refere aos recursos humanos e técnicos, à gestão de projetos e da qualidade dos mesmos e ao enquadramento contratual. Em Portugal, esta norma é designada por PT EN 15038. No entanto, esta norma não é de obrigatoria implementação pelos prestadores de serviços de tradução, embora esteja a tornar-se mais popular entre as agências de tradução (Garcia, 2009: 5).

Voltando à revisão, esta é importantíssima, no sentido em que assegura a qualidade dos serviços prestados pelos fornecedores de serviços de tradução aos seus clientes. Isto, porque, por vezes, de acordo com Mossop (2001: 1, citado em Garcia, 2009: 11), é fácil escrever frases de tal forma longas ou estruturadas que causam nos leitores dificuldades na interpretação do seu significado, podendo mesmo dar azo a interpretações erradas que, assim, acabam por deturpar as palavras originais do autor. Se escrever é difícil, traduzir também o é.

O mesmo autor afirma que a qualidade das traduções está dependente de necessidades, que podem ser impostas ou implícitas, de acordo com a definição da ISO. A necessidade implícita mais importante para uma tradução é a precisão. É implícita porque nenhum cliente pede que seja realizada uma tradução precisa, assumindo à partida que assim será. Assegurar a precisão das traduções deve ser uma prioridade absoluta para os revisores, mesmo que, para isso, tenham de ignorar alguma instrução do cliente. Isto pode acontecer em casos em que o cliente, não estando totalmente familiarizado com a língua de chegada, tem um entendimento errado ou incompleto de como a tradução deve ser feita por forma a ser compreendida pelo seu público-alvo (Mossop, 2001: 7, citado em Garcia, 2009: 10-11).

Nas empresas de tradução, por norma, os tradutores mais experientes podem também ter o papel de revisores, com vista a ajudarem no treino de jovens tradutores ou apenas controlarem a qualidade das traduções realizadas por tradutores externos (Garcia, 2009: 12).

Um outro fator que deve ser considerado pelos revisores é a necessidade de conjugar o cumprimento de prazos com a qualidade, tendo em conta que tempo é dinheiro. Porém, é óbvio que uma tradução realizada com mais tempo terá uma maior qualidade, e o mesmo princípio pode ser aplicado à revisão, uma vez que uma revisão completa exige toda a atenção da pessoa dedicada a essa tarefa (Mossop, 2001: 88, citado em Garcia, 2009: 12).

De acordo com a Direção-Geral da Tradução da União Europeia, revisão é a comparação da tradução com o seu original, de forma a encontrar e corrigir possíveis falhas, quer em termos de conteúdo, quer em termos de apresentação formal, com o objetivo de melhorar a qualidade da tradução, servir como um instrumento de controlo de qualidade e como treino profissional tanto para tradutores como para revisores. São ainda distinguidos dois tipos de revisões: revisão exaustiva e *cross-reading*.

Numa revisão exaustiva, o revisor lê a tradução, assim como o original, frase a frase e insere as suas correções e/ou notas. Por princípio, todo o texto deve ser revisto desta forma, mas, em certas circunstâncias (como, por exemplo, se o tradutor for um especialista no assunto sobre o qual se debruça o texto, ou se o texto é já a versão posterior de uma outra tradução anterior) uma revisão parcial pode ser suficiente.

No *cross-reading*, o revisor lê a tradução e, se algo lhe soa estranho, consulta o original para se certificar de que é mesmo necessário realizar alguma correção ou deixar alguma

nota.

Ainda segundo a Direção-Geral da Tradução da União Europeia, uma mera leitura da tradução, sem qualquer ligação com o original, assim como a verificação parcial de um texto traduzido para conferir a sua qualidade (*spot-checking*), não devem ser consideradas formas de revisão.

Mossop (2007: 109, citado em Rasmussen e Schjoldager, 2011) vai ainda mais longe no estudo da revisão, começando por definir o processo como “umas das funções dos tradutores profissionais, na qual estes identificam as características da tradução que ficam aquém do aceitável e fazem as correções e melhoramentos necessários”. Contudo, esta definição parece implicar que a revisão é sempre realizada pelo próprio tradutor, ao contrário do que é feito profissionalmente ao nível da gestão da qualidade da tradução, um contexto em que a revisão é sempre realizada por terceiros (Shih, 2006: 296, citado em Rasmussen e Schjoldager, 2011).

Então, Mossop (2007:167, citado em Rasmussen e Schjoldager, 2011) estabeleceu dois termos, em inglês, para que fosse feita a distinção entre estes dois tipos de revisão: *self-revision* e *other-revision* (que, daqui em diante, designarei por auto-revisão e revisão feita por terceiros).

Auto-revisão é a que é levada a cabo pelo próprio tradutor como parte do seu processo de tradução. Na norma europeia, a auto-revisão é designado por *checking*: “*após a conclusão da tradução inicial, o tradutor deve realizar uma verificação do seu próprio trabalho*” (EN 15038: 2006: 5.4.2).

Na auto-revisão, o mínimo aceitável é uma segunda leitura monolíngue da tradução. No entanto, caso o tempo o permita, uma segunda leitura comparativa deve também ser feita. Os tradutores autónomos (*freelance*) devem prestar especial atenção à auto-revisão, uma vez que é possível que nenhum outro tradutor tenha a oportunidade de avaliar a qualidade do seu trabalho antes de este ser entregue ao cliente. Este tipo de revisão tem ainda outra desvantagem, na medida em que menos erros serão detetados, pois o tradutor tem uma certa cegueira em relação ao texto, algo que não será um problema para o “olho fresco” de outro tradutor, que poderá desempenhar o papel de primeiro leitor do texto (Mossop, 2001: 91, citado em Garcia, 2009: 12-13).

A revisão feita por terceiros é levada a cabo por alguém que não o tradutor, como

maneira de avaliar a qualidade do trabalho do tradutor.

Esta distinção não voltará a ser feita ao longo deste capítulo, sendo que qualquer referência à revisão englobará ambos os conceitos, uma vez que apenas revisões deste último género mencionado foram realizadas por mim durante o estágio.

Para Mossop (2007: 174, citado em Rasmussen e Schjoldager, 2011), a revisão pode ainda ter duas funções: uma função comercial e uma função de treino. Uma revisão comercial tem como objetivo preparar o texto para ser entregue ao cliente e, possivelmente, a elaboração de relatórios de avaliação do trabalho do tradutor para serem entregues nos departamentos de Recursos Humanos das empresas. A revisão de treino tem como objetivo mostrar aos tradutores quais são os seus pontos fortes e fracos, de modo a ajudá-los a melhorar a qualidade do seu trabalho. Em empresas de tradução, a revisão com função de treino é, muitas vezes, conjugada com a normal revisão comercial.

Também pode ser feita uma distinção entre a revisão monolíngue e a revisão comparativa ou bilingue.

Quando realiza uma revisão monolíngue, o revisor concentra-se apenas no texto de chegada, de forma a detetar qualquer tipo de linguagem que cause estranheza idiomática num leitor nativo, assim como quaisquer outros erros textuais, apenas confirmando ocasionalmente junto do texto original (Mossop, 2007: 145, citado em Rasmussen e Schjoldager, 2011)

Quando realiza uma revisão comparativa, por vezes também chamada de revisão bilingue, o revisor verifica a precisão e a integridade da tradução através da sua comparação com o texto de partida. Em comparação com a revisão monolíngue, este processo acarreta, naturalmente, uma maior demora e também maiores custos. Contudo, este processo é considerado o mais eficaz (Brunette et al, 2005, citados em Rasmussen e Schjoldager, 2011).

Mossop considera que a revisão de nível profissional deve compreender quer uma revisão monolíngue, quer uma revisão comparativa ou bilingue, dando prioridade à revisão monolíngue. Pelo contrário, Horguelin e Brunette (1998: 39) recomendam que o revisor comece por fazer uma leitura comparativa dos textos de partida e de chegada.

A norma Europeia também realiza uma distinção entre estes dois tipos de revisão. Nela, *reviewing* (revisão monolíngue) é o nome dado à análise da adequação do texto de

chegada ao seu propósito e às convenções do domínio a que pertence (EN 15038: 2006: 2.8, citada em Rasmussen e Schjoldager, 2011). *Revising* (revisão bilingue ou comparativa) é o nome dado à análise da adequação do texto de chegada ao seu propósito, tendo o texto de partida como termo de comparação (EN 15038: 2006: 2.10, citada em Rasmussen e Schjoldager, 2011).

Segundo a mesma norma, enquanto os *revisers* (revisão comparativa ou bilingue) devem ser, também eles, tradutores qualificados, os *reviewers* (revisão monolingue) devem ser especialistas do domínio em causa na língua de chegada. A norma apoia ainda a visão de Horguelin e Brunette, referida no parágrafo anterior, quanto ao tipo de revisão que deve ser priorizado, ao estipular que a revisão comparativa ou bilingue é obrigatória (EN 15038: 2006: 5.4.3, citada em Rasmussen e Schjoldager, 2011), enquanto a realização de uma revisão monolingue está sujeita às especificações do serviço que será prestado.

Contudo, a maioria dos tradutores e teóricos da tradução concorda que os procedimentos de revisão podem variar de acordo com o objetivo da mesma e as circunstâncias em que ela é realizada. Uma revisão completa, compreendendo ambos os tipos, é cara e morosa e pode ser vista como desnecessária. Uma revisão parcial pode ser realizada, por exemplo, quando não há tempo para fazer uma revisão completa ou quando o cliente não quer pagar por uma. A tradução pode vir a ter um uso meramente informal, ser considerada simples ou ser realizada por um tradutor tão qualificado ou experiente que não se espera que cometa erros (Rasmussen e Schjoldager, 2011).

A norma internacional ISO 17100:2015 acrescenta ainda um outro tipo de revisão aos dois acima referidos: *proofreading*. A norma define o *proofreading* como o processo de verificação de um texto traduzido e já previamente revisto e de aplicação das últimas correções antes da entrega do texto ao cliente. Este foi o tipo de revisão que realizei durante o meu estágio curricular, embora apenas tenho realizado a leitura do texto e assinalado as falhas que encontrei, sendo que a tarefa de aplicar as derradeiras correções ficou para o editor do Grupo Editorial Vida Económica.

Mossop (2001) compilou também uma lista de tipos de erros que devem ser tidos em atenção pelo revisor (embora cada profissional possa ter a sua própria lista), divididos por quatro grupos, de A a D:

- Grupo A – Problemas de Transferência de Significado

- A tradução reflete a mensagem do texto de partida? (Precisão)
- Algum elemento da mensagem foi deixado de fora? (Integridade)

- Grupo B – Problemas de Conteúdo
 - A sequência de ideias faz sentido ou verifica-se alguma contradição? (Lógica)
 - Está presente algum erro factual?

- Grupo C – Problemas de Linguagem e Estilo
 - O texto flui? As conexões entre frases e capítulos são claras? Há frases de difícil leitura? (Fluidez)
 - A linguagem está adaptada às pessoas que farão uso da tradução e ao uso que farão dela? (Personalização)
 - O estilo utilizado adequa-se ao género? Foi utilizada a terminologia correta? A fraseologia do texto é similar à de outros textos produzidos na língua de chegada sobre o mesmo assunto?
 - As combinações de palavras são idiomáticas? A tradução tem em conta as preferências retóricas da língua de chegada?
 - Foram observadas as regras de gramática, pontuação e ortografia?

- Grupo D – Problemas de Apresentação Física (Apresentação)
 - Há problemas relativos à forma como o texto está organizado na página (espaçamento, indentações, margens, etc.)? (*Layout*)
 - Há problemas com a formatação do texto (negrito, itálico, tamanho e tipo de fonte)? (Tipografia)
 - Há problemas com a organização geral do documento (numeração de páginas, cabeçalhos, notas de rodapé, índice, etc.)? (Organização)

Além disso, desenvolveu um modelo de revisão baseado em todos os princípios das suas teorias, referidas ao longo deste capítulo, e sintetizado por Garcia (2009: 14) numa imagem que acompanhará este relatório de estágio em anexo (página 66).

Julianne House (1997, citada em Garcia, 2009: 15-22) baseia-se em teorias pragmáticas do uso da linguagem, pois, para esta, avaliar a qualidade de uma tradução pressupõe a aplicação de uma teoria da tradução. O seu modelo é ainda baseado na noção

de “equivalência” entre o texto (ou cultura) de partida e o texto (ou cultura) de chegada. Assim, o modelo de House assenta em dois grandes grupos: dimensões do utilizador da língua e dimensões do uso da língua.

House completa ainda o seu modelo com um método de análise e comparação de textos. Este método assenta numa análise detalhada do texto de partida. Desta análise, pode resultar a deteção de erros fechados, relativos a discordâncias nas dimensões, e erros abertos, que resultam de uma discordância dos significados denotativos dos elementos dos textos de partida e de chegada. O método de House inclui ainda a realização de uma listagem desses mesmos erros e uma argumentação das concordâncias relativas dos componentes funcionais ideacionais e interpessoais da função do texto.

A LISA elaborou também, em coordenação com os prestadores de serviços de localização, os programadores de software e hardware e os utilizadores finais, um Modelo de Controlo de Qualidade, que faz uma distinção entre a garantia de qualidade (Quality Assurance, QA), com verificações baseadas em amostras, e o controlo de qualidade (Quality Control, QC), que envolve uma revisão total do texto (Garcia, 2009: 23). Este modelo contém:

- Listas de categorias de erros (que podem ser expandidas e definidas pelo utilizador) e dos seus níveis de gravidade;
- Métricas predefinidas para determinar se o material traduzido avaliado passa ou não no controlo de qualidade, para medir/comparar o desempenho de fornecedores individuais e para avaliação dos documentos de partida;
- Formulários e relatórios personalizados;
- Exemplos de dados, para ajudar os utilizadores na implementação do modelo. (Garcia 2009: 23-24)

A presença de um erro crítico significa que o trabalho é rejeitado e enviado de volta ao tradutor, juntamente com os detalhes do erro detetado, para que este o refaça. Os erros graves ou secundários são contabilizados até se chegar a um total que depois se traduz numa avaliação final de Passado ou Falhado (Garcia, 2009: 24).

Por fim, Scott Bass (2006, citado em Garcia, 2009: 30-35) desenvolveu um modelo em que apresenta os caminhos que, na sua opinião, levam à qualidade. Este tem em consideração, em primeiro lugar, a qualidade dos materiais de partida. Em segundo lugar, o domínio das bases, seguido por um consenso relativamente à definição do que é a

qualidade, pela criação de sistemas de gestão da qualidade e pela garantia da qualidade dos tradutores.

Também estes três modelos (de Julianne House, da LISA e de Bass) foram esquematizados por Garcia, sendo que, no caso do Modelo de Controlo de Qualidade da LISA, Garcia fez acompanhar o esquema criado por si por uma sugestão de formulário apresentada por Schiaffino e Zearo (2002). Todas estas imagens acompanham este relatório de estágio em anexo, devidamente discriminadas em índice.

Além destes modelos, os revisores podem ainda recorrer a um grande número de ferramentas que têm como objetivo permitir uma maior produtividade e aliviar alguma da carga de trabalho a que estes estão sujeitos. São exemplos destas ferramentas: SDLX QA Check, Trados QA Checker, QA Distiller, Déjà Vu, STAR Transit, ErrorSpy e Xbench (Garcia, 2009: 40).

Contudo, estas ferramentas são ainda algo limitadas. A maioria delas é apenas boa para as tarefas mais simples e rotineiras, e nos pares de línguas mais comuns. Apresentam resultados satisfatórios, por exemplo, na deteção de traduções vazias, esquecidas ou incompletas, de espaçamentos duplos e pontuação erradamente colocada, assim como na comparação de valores numéricos, entre outras coisas. Todavia, na maioria das línguas, uma verificação de terminologia poderá gerar muitos falsos positivos. Graças a essas limitações, é provável que tais ferramentas nunca venham a ser utilizadas como os únicos meios de realizar a revisão de uma tradução (Garcia, 2009: 41).

Os revisores mantêm-se, assim, como as principais figuras do processo de revisão. De modo a fazerem o seu trabalho da forma mais eficaz possível, devem seguir alguns princípios teóricos:

- O revisor deve assumir, desde o início, que a tradução a ser revista é de qualidade;
- O esforço de revisão deve ser proporcional à importância do texto;
- Uma tradução claramente desadequada deve ser imediatamente devolvida ao tradutor;
- O revisor não deve reescrever a tradução;
- O revisor não deve apresentar as suas preferências pessoais como factos, da mesma forma que não deve impor a sua abordagem à tradução e as suas idiossincrasias;

- O revisor deve fazer mudanças apenas quando conseguir entender a tradução depois de ler o original;
 - Deve ser feito o menor número de mudanças possível;
 - O revisor deve acompanhar quaisquer mudanças cuja razão de existência não seja óbvia por uma nota explicativa/fontes documentais (caso não seja possível justificar alguma mudança, esta não deve ser feita);
 - O revisor deve ter a certeza de que as mudanças feitas são relevantes;
 - O revisor deve assinalar os casos duvidosos, em vez de fazer mudanças precipitadas, evitando assim a introdução de erros na tradução;
 - O diálogo com o tradutor é de extrema importância;
 - A revisão deve ser vista como uma oportunidade de treino, tanto para os revisores, como para os tradutores;
 - O revisor não deve deixar que a atenção dada aos detalhes o distraia dos possíveis erros presentes no texto a nível macro, e vice-versa;
 - O revisor deve verificar não só as palavras, mas também os números, uma vez que estes também fazem parte da mensagem;
 - Durante a análise final, o revisor deve dar prioridade às necessidades do leitor e não às necessidades do cliente;
 - Se o revisor não conseguir resolver um problema, deve admiti-lo ao cliente;
 - O revisor não deve aceitar um trabalho para o qual não se sente qualificado, em termos do conhecimento sobre o tema da tradução, ou porque não possui as competências linguísticas e o tempo necessário para a realizar de forma séria.

Uma vez que eu próprio desempenhei o papel de *proofreader* (revisores que fazem trabalhos de *proofreading*) ao longo do meu estágio, destaco ainda algumas diretivas que devem ser seguidas de modo a realizar as tarefas deste género da forma mais eficaz possível:

- O *proofreader* deve realizar o *proofreading* de um documento escrito na língua de chegada, que deve ser a sua língua nativa;
- O *proofreader* tem como responsabilidade encontrar e corrigir quaisquer erros encontrados no texto, sejam eles ortográficos, gramaticais ou de pontuação, porém, só deve realizar uma correção se tiver uma certeza

absoluta de que a sua correção está correta;

- O *proofreader* não deve reescrever estilisticamente, nem realizar quaisquer mudanças relativamente ao seu conteúdo;
- O *proofreader* deve ser honesto, minucioso, flexível e diplomático;
- O *proofreader* não deve efetuar correções apenas para “mostrar serviço”;
- O *proofreader* deve ter sempre em mente que, em tradução, nunca há apenas uma resposta correta, nem soluções unânimes;
- O *proofreader* deve evitar fazer o *proofreading* das suas próprias traduções;
- Realizar o *proofreading* de uma tradução num formato diferente do original pode ser uma boa ideia;
- O *proofreader* deve prestar especial atenção a números e palavras que possam facilmente levar ao aparecimento de erros (por exemplo, nomes próprios e de lugares);
- O *proofreader* deve ter em atenção os erros tipicamente cometidos por si próprio;
- O *proofreader* deve manter o seu cliente informado, através de um curto resumo das suas opiniões sobre a qualidade da tradução;
- O *proofreader* não deve exagerar nas suas críticas (não deve ser rude);
- Por fim, o *proofreader* deve estar aberto à possibilidade de aprender com os seus colegas.

De seguida, farei a análise das tarefas de revisão (ou *proofreading*, para ser mais específico) que realizei no âmbito deste estágio no Grupo Editorial Vida Económica.

4.2. *Proofreading de Inteligência Comercial*

A primeira tarefa de revisão realizada no âmbito do meu estágio no Grupo Editorial Vida Económica foi a realização do *proofreading* da tradução para português da obra de 2011 *Inteligência Comercial*, escrita originalmente em espanhol por Luis Bassat, já previamente revista.

Luis Bassat é um dos mais influentes publicitários espanhóis. Em 1992, participou na organização das cerimónias de encerramento dos Jogos Olímpicos realizados na capital da Catalunha. No entanto, deu-se a conhecer ao público através das suas duas candidaturas à presidência do FC Barcelona, em 2000 e 2003, que acabariam por não ser

bem-sucedidas. Desde então, tem desempenhado várias posições de relevo em diversas organizações no mundo da publicidade, mas também em diversas fundações e até em duas universidades, como Presidente do Conselho Europeu da Universidade Bem-Gurion do Negev (Bassat tem origem sefardita) e como Presidente do Conselho Consultivo da Universidade Europeia de Madrid. Em 2015, pronunciou-se contra a independência da Catalunha, justificando a sua opinião com todas as consequências negativas que essa mesma independência traria ao território (que seria forçado a abandonar a União Europeia).

A obra debruça-se, como o próprio título indica, sobre o conceito de inteligência comercial, servindo-se, para isso, de inúmeros exemplos e dos testemunhos de empresários que o autor considera serem o expoente máximo de inteligência comercial, como, por exemplo, Isak Andic (Mango), Emilio Botín (Santander), Peter Brabeck (Nestlé), Ingvar Sviggum (Ford) e Kees van der Graaf (Unilever), entre outros. Através das páginas desta obra, Bassat procura mostrar que a inteligência comercial não é apenas um truque para vender mais, mas sim uma maneira de trabalhar que gera confiança, indispensável para todas as empresas e todo o tipo de profissionais.

Quanto à revisão propriamente dita, guiei-me, nesta e nas restantes duas (sobre as quais me debruçarei de seguida), pelas tipologias de erros sugeridas por Brian Mossop, que referi previamente, na revisão de literatura.

Na revisão desta obra, depressa me apercebi, assim que comecei a sua realização, de que o Prefácio do livro, escrito por Orlando de Sousa, não tinha ainda sido revisto. De facto, esta parte do livro era até acompanhada por uma nota, escrita pelo seu autor, em que este evidenciava o facto de ter escrito aquelas páginas num teclado norte-americano, não adaptado à língua portuguesa. Desse facto, resultou uma total ausência de acentuação e, muitas vezes, também de pontuação, que tornavam o texto de difícil leitura.

Uma outra característica do texto que também chamou a minha atenção ao longo da sua revisão foi o facto de serem introduzidos os pronomes pessoais antes dos nomes próprios a que se referem, em expressões como, por exemplo, *o Trump*, *a Shelly* ou *o Isak Andic*, que tornavam o nível de linguagem mais informal, o que, na minha opinião, parecia algo desadequado em relação ao tom geral do livro. Porém, à luz do que deve ou não ser feito aquando da realização de uma revisão (ou, neste caso, *proofreading*, como referido anteriormente), e como as expressões são corretas na Língua Portuguesa, decidi

não as sinalizar como um erro de tradução de qualquer espécie. Até porque – uma vez que, no *proofreading*, como já foi explicitado anteriormente neste relatório, o revisor não tem em atenção o texto original – não havia maneira de saber se estas expressões não eram até fruto do estilo do próprio autor do livro.

Um outro problema que detetei no seguimento da minha atividade de *proofreading* prendeu-se com a incoerência de algumas escolhas tradutivas. Em particular, de duas escolhas. A palavra *tenda* passou a ser, mais à frente, e no mesmo contexto, *barraca* e, mais à frente no livro, a palavra *campanha*, que passa depois a ser designada por *conta*. Ao longo de todo o livro, são estes os dois casos que mais saltam à vista, podendo causar alguma confusão no futuro leitor, que perde as referências que tinha adquirido anteriormente. Contudo, além destas havia ainda outras (muitas) escolhas que levantavam algumas dúvidas, mas que se podiam aceitar.

Porém, e mais grave ainda, foi a deteção de certos traços de escrita que faziam lembrar o Português do Brasil. De imediato, apercebi-me de dois exemplos gritantes (que, na verdade, não são apenas dois, uma vez que um deles se repetiu por diversas vezes ao longo de todo o livro).

O primeiro tinha a ver com a utilização da expressão *todo o mundo*, numa referência a um vasto grupo de pessoas e não à generalidade do mundo como um todo. Em Português Europeu, a expressão mais adequada teria sido *toda a gente*. O segundo prendia-se com a utilização incorreta (do ponto de vista do Português Europeu) da preposição *de*, que, em diversas ocasiões, substituía na frase a contração da preposição com o artigo definido que devia ter sido utilizada (*do* ou *da*, dependendo da ocasião), o que criava grande estranheza do ponto de vista do leitor. Infelizmente, devido a restrições relacionadas com o prazo de entrega desta tarefa de *proofreading*, não consegui apontar – para mais tarde me recordar – qualquer exemplo deste erro.

No geral, cheguei à conclusão de que a tradução não estava ao nível que se esperaria. Depois de assinalados estes problemas que encontrei, o livro seguiu para o editor, para que fossem aprovados e corrigidos, enquanto eu começava, de imediato, a trabalhar na revisão de outro livro, que detalharei em seguida.

4.3. Revisão de *Seja Livre, Sendo Dono de um Negócio*

A segunda revisão realizada por mim no seguimento do estágio realizado no Grupo

Editorial Vida Económica foi a da obra *Seja Livre, Sendo Dono de um Negócio*, escrita por Miguel Matos.

Miguel Matos nasceu em 1970, tendo vivido a sua infância na freguesia de Lousado, no concelho de Vila Nova de Famalicão, onde contactou com um misto de ambiente rural e industrial. No início da década de 1990, acabou a sua licenciatura em Economia pela Faculdade de Economia do Porto. Depois de ter vivido durante alguns anos em Vila do Conde, regressou a Vila Nova de Famalicão, local onde trabalha desde 1994. Em 1997, fundou, com a sua esposa, a APAMM Consultores Associados, uma empresa de consultoria de gestão, dirigida ao mercado das Pequenas e Médias Empresas. Em 2007, obteve o MBA Executivo na Escola de Gestão do Porto. Recentemente, tem vindo a desenvolver estudos ao nível do conhecimento da mente humana e das ferramentas de desenvolvimento pessoal, como, por exemplo, a PNL (Programação Neurolinguística).

Tal como o seu título indica (e de forma explícita), a obra debruça-se sobre os passos necessários, assim como as características que é necessário desenvolver (quer a nível da personalidade, quer a nível do conhecimento teórico), para que qualquer pessoa se possa tornar dona do seu próprio negócio e assim atingir um nível de independência financeira que permita uma melhor e mais pacífica gestão do seu tempo e objetivos pessoais.

Ao contrário do que acontecia com a obra cuja revisão analisei anteriormente, este livro já tinha sido escrito originalmente em Português, razão pela qual, desta vez, não foram detetados tantos problemas.

A maioria dos erros a assinalar prendia-se com a colocação incorreta de pontuação, nomeadamente, de vírgulas, que, por diversas vezes, apareciam nas frases em locais errados, onde, por vezes, nem havia necessidade de colocar pontuação. Outra vez havia em que seria necessária a introdução de uma vírgula e isso não acontecia. Ambas as ocasiões foram relativamente comuns ao longo da obra.

Porém, havia uma exceção.

Esta prendia-se com a tradução de uma expressão que continha o nome de uma teoria relacionada com as divergências entre os objetivos das empresas e os objetivos dos seus colaboradores. Esta expressão era *Agency – and institutional – theory explanation*, que o autor do livro traduziu, erroneamente para *Agência – e Institucional – Exposições da Teoria*, uma tradução que é demasiado literal e não faz sentido em português. Eu assinalei

o erro e sugeri até uma possível tradução: *Explicações da Teoria de Agência – e Institucional*.

Além disso, havia uma fração de “erros” (que, neste caso, não poderão ser totalmente considerados como erros, na minha opinião) que advinha de gralhas dactilográficas, daquelas que surgem naturalmente aquando da escrita de qualquer documento digital e que apenas são detetadas quando esse mesmo documento é revisto por terceiros. Em muitos dos casos em que se verificava a existência de uma gralha, era possível discernir o sentido pretendido, com base no contexto da frase em que esta se inseria. Contudo, também aqui havia uma exceção: uma gralha cujo sentido não consegui decodificar com algum grau de certeza. Perante esta situação, limitei-me a assinalar a gralha no texto e a escrever uma nota, recomendando que fosse contactado o autor, de modo a esclarecer a situação.

Depois de terminada a minha revisão, também esta obra seguiu para o editor, para aprovação e correção dos erros assinalados por mim.

4.4. Revisão de *Do Crime do Abuso de Informação Privilegiada (Insider Trading): uma Análise Ius Dogmática, entre Sistemas e Jurisprudências*

A terceira revisão realizada por mim no âmbito do estágio realizado no Grupo Editorial Vida Económica foi a da obra *Do Crime do Abuso de Informação Privilegiada (Insider Trading): uma Análise Ius Dogmática, entre Sistemas e Jurisprudências*, da autoria de Ricardo Alexandre Cardoso Rodrigues e João André de Almeida da Luz Soares.

Ricardo Alexandre Cardoso Rodrigues licenciou-se em Direito em 2010 e concluiu o seu mestrado, também em Direito, em 2012. As suas áreas de interesse incluem, naturalmente, diversas vertentes do Direito: Direito Constitucional e Direitos Fundamentais, Direitos Humanos, Direito Humanitário, Direito Criminal, Direito Económico e Financeiro, Direito Civil e Comercial, Direito Comercial Internacional e Arbitragem. Apesar da sua ainda relativamente curta carreira, conta já com 32 publicações com a sua assinatura. Quanto a João André de Almeida da Luz Soares, não foi possível encontrar qualquer informação biográfica.

Tal como título indica, a obra representa uma análise da forma como o crime de Abuso de Informação Privilegiada (*Insider Trading*) é abordado e punido em diversos países (nomeadamente, nos Estados Unidos da América, Reino Unido, França, Espanha,

Alemanha, Itália, Suíça, Brasil, Índia, Japão, China e, claro, Portugal).

Tal como a obra de Miguel Matos, sobre a qual me debrucei nas páginas anteriores, também esta foi originalmente escrita em português, porém, pude encontrar ainda alguns problemas significativos.

De imediato, o vocabulário extremamente técnico, característico da área do Direito Jurídico-Económico, foi algo que requereu especial atenção da minha parte, uma vez que tornava algumas das frases mais difíceis de decifrar quanto ao significado pretendido. Contudo, essa “dificuldade” foi-se dissipando gradualmente com o decorrer da revisão, à medida que eu me habituava ao nível de língua utilizado.

Todavia (e este foi o problema mais grave que encontrei nesta obra), verifiquei que havia uma pronunciada incoerência no que dizia respeito à aplicação do Novo Acordo Ortográfico, sem que uma determinada abordagem (de aplicação ou não-aplicação) fosse definitivamente assumida. Como resultado disso, verificava-se, por vezes, uma alternância entre ambas as abordagens dentro de um mesmo parágrafo e, embora nenhuma das abordagens esteja errada, tratando-se de uma opção do autor da obra, já não se pode dizer o mesmo da sua alternância. Como tal, identifiquei este problema através da colocação de uma nota numa posição proeminente, na capa do livro, sugerindo que os autores fossem contactados, a fim de ser tomada uma decisão definitiva neste aspeto.

Além disso, encontrei ainda alguns erros ortográficos, muito provavelmente causados por gralhas insignificantes, assim como outros erros, também ortográficos, mas de natureza ligeiramente diferente. Estes últimos verificavam-se em palavras importadas da língua inglesa, escritas de forma errada. Isto mesmo aconteceu por duas vezes só com a palavra *misappropriation*, mas também com a palavra *tippee*.

Tenho ainda de mencionar uma dúvida muito forte que surgiu durante a revisão. Ao longo de toda a obra, os autores recorreram, por diversas vezes, a citações de obras de outros autores (também portugueses ou estrangeiros), assim como de legislação escrita noutras línguas, aquando da análise do enquadramento legal do crime analisado nos diversos países do mundo. Todos esses excertos foram inseridos em português na obra, independentemente da língua em que haviam sido redigidos originalmente.

Com duas exceções.

A primeira diz respeito aos excertos de língua inglesa, que foram mantidos em inglês.

A segunda diz respeito aos excertos relativos à legislação brasileira, que também foram mantidos na sua língua original, português do Brasil. Durante algum tempo, debati-me com a possibilidade de deixar uma outra nota, sugerindo que também esses excertos fossem traduzidos (ou adaptados, no caso dos excertos em português brasileiro) para o português europeu. Porém, depois de refletir sobre o assunto, cheguei à conclusão de que se tratavam de escolhas conscientes da parte dos autores, pelo que me abstive de tecer qualquer comentário.

Assim que terminei a revisão, a obra foi entregue ao editor, para que os erros assinalados por mim fossem aprovados e corrigidos, e os autores fossem contactados, de modo a esclarecer as dúvidas sobre a sua abordagem relativamente à aplicação (ou não) do Novo Acordo Ortográfico.

Conclusão

Para completar o meu Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas no ISCAP, debati-me com a decisão de realizar um estágio curricular (em vez de escrever uma tese ou realizar uma dissertação de projeto) durante algum tempo.

Por um lado, poderia ganhar experiência profissional, algo que, hoje em dia, é muito valorizado no mercado de trabalho e, possivelmente, começar a construir uma rede de contactos que viesse a facilitar o início da minha carreira como tradutor. Por outro lado, se optasse por escrever uma tese (por exemplo), poderia gerir o meu próprio horário, não estando refém de um estágio de seis meses, um período temporal que afetaria também a compilação do próprio relatório de estágio, uma vez que certos conteúdos estariam dependentes das tarefas que me seriam entregues.

Porém, foi mesmo a possibilidade de obter experiência num ambiente profissional a pesar mais na minha decisão final. Nenhum livro ou teoria nos pode ensinar a lidar com a pressão dos prazos de entrega de uma tradução, a fazer parte de uma equipa composta por profissionais que desempenham diferentes funções tendo em vista o mesmo objetivo. E era isso que eu esperava aprender durante o meu estágio.

E, nesse sentido, os meus objetivos foram cumpridos.

Além disso, aprendi também muito sobre a necessidade de cumprir horários de entrada e saída, sobre o funcionamento de uma redação de jornal e sobre a escrita de artigos jornalísticos, na qual colaborei por vezes, através de algumas das minhas traduções.

Também em termos das tarefas que me foram atribuídas sinto que os meus objetivos foram cumpridos. Sei que fiz sempre traduções de qualidade (embora não perfeitas, com certeza), e que essa qualidade foi reconhecida pelo meu orientador, que fez questão de me comunicar o seu *feedback* positivo, tal como as restantes pessoas com quem trabalhei mais de perto na empresa.

As tarefas que realizei trouxeram-me ainda ferramentas que poderei reutilizar no futuro, como a memória de tradução que criei para armazenar os dados da retroversão do livro *O Efeito Trump e o Brexit*, que será bastante útil em futuros trabalhos, assim como os glossários e outros recursos que descobri através das várias rondas de pesquisa que fui obrigado a realizar.

Mais do que isso, no início do estágio, pensei que este seria um obstáculo inultrapassável, um sacrifício enorme. Porém, com o passar do tempo, adaptei-me à situação e, na verdade, aguardava sempre o dia seguinte com entusiasmo. E, tão depressa como começou, o estágio terminou.

Por fim, não há nada mais motivador para o futuro da minha vida profissional do que ver o meu nome aparecer pela primeira vez como tradutor na ficha técnica de um livro publicado, além de que é também uma mais-valia a juntar ao meu currículo, tal como o estágio no seu todo.

Bibliografia Primária

Castela, J. (2017). *O Efeito Trump e o Brexit*. Porto: Vida Económica.

Bibliografia Secundária

Bass, S. (2006). Quality in the Real World. In *Perspectives on localization*. John Benjamins Publishing Company.

Bassnett, S.; Lefereve, A. (eds.). (1998). *Constructing Cultures: Essays On Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters.

Campbell, S. (1998). *Translation Into the Second Language*. (Longman, Ed.). Essex & New York.

Direção-Geral de Tradução. (2010). *Revision Manual*. Brussels; Luxembourg.

Fawcett, P. (1997). *Translation and Language*. Manchester: St. Jerome Publishing.

Fedorov, A. (1953). *Introduction to the Theory of Translation*. Moscow: Foreign Languages Publishing House.

Garcia, C. S. M. V. (2009). *Gestão da Qualidade na Tradução - Implementação de processos de controlo e avaliação dos Projectos de Tradução*. Dissertação do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializada. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto.

Gentzler, E. (2001). *Contemporary Translation Theories (Revised 2nd Edition)* (2001st ed.). Clevedon, Buffalo, Toronto & Sydney: Multilingual Matters.

Hatim, B. (2001). *Teaching and Researching Translation*. London: Longman.

Horguelin, Paul; Brunette, L. (1998). *Pratique de la Révision*. Québec: Linguatév.

House, J. (1997). *Translation Quality Assessment: a Model Revisited*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Ibrahim, R. (2013). *Crucified Again: Exposing Islam's New War on Christians*. Washington, DC: Regnery Publishing.

International Organization for Standardization. (2015). ISO 17100:2015. Retrieved April 30, 2017, from <https://www.iso.org/standard/59149.html>

Kelly, L. (1979). *The True Interpreter: A History of Translation Theory and Practice in the West*. New York: St. Martin's Press.

LanguageWire. (2015). LANGUAGEWIRE GUIDELINES – PROOFREADING.

- Mossop, B. (2007). *Revising and Editing for Translators*. Manchester, U.K./Kinderhook, USA: St. Jerome Publishing.
- Mossop, B. (2001). *Revising and Editing for Translators*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Neubert, A. (1981). Translation, Interpreting and Text Linguistics. *Studia Linguistica*, 35(1–2), 133–45.
- Newmark, P. (1980). *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press.
- Ordudari, M. (2007). Translation procedures, strategies and methods. *Translation Journal*, 11(3). Retrieved from <http://translationjournal.net/journal/41culture.htm>
- Pym, A. (2016). *Translation Solutions for Many Languages: History of a Flawed Dream*. London & New York: Bloomsbury Academic.
- Rasmussen, K.; Schjoldager, A. (2011). Revising Translations A Survey of Revision Policies in Danish Translation Companies. *The Journal of Specialised Translation*, (15), 87–120.
- Schiaffino, R.; Zearo, F. (2002). The Measure ment of Quality in Translation Using Statistical Methods. In *43rd ATA Conference - Atlanta*. J. D. Edwards and Lionbridge Technologies. Inc.
- Shih, C. Y. (2006). Revision from translators' point of view. An interview study. *Target - International Journal of Translation Studies*, 18(2), 295–312.
- Snell-Hornby, M. (2006). *The Turns of Translation Studies*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Šunková, J. (2011). *Revising Translations: Corpus Investigation of Revision and Self-revision*. Faculty of Arts of Masaryk University.
- Vazquez-Ayora, G. (1977). *Introducción a la Traductología: Curso Básico de Traducción*. Washington, DC: Georgetown University Press.
- Vinay, J. P.; Darbelnet, J. (1958). *Comparative Stylistics of French and English* (1995th ed.). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Bibliografía Secundária Online

- Abbreviations. (n.d.). Welcome to Abbreviations.com. Retrieved August 7, 2017, from <http://www.abbreviations.com/>
- ABBY. (n.d.). What is OCR and OCR Technology. Retrieved August 23, 2017, from <https://www.abby.com/en-eu/finereader/what-is-ocr/>

- Allacronyms. (n.d.). What does KB/D mean? Retrieved August 7, 2017, from <https://www.allacronyms.com/KB%2FD>
- Allianz Global Investors. (n.d.). Key developments in our company's history. Retrieved August 2, 2017, from <https://www.allianzgi.com/en/our-firm/history>
- Alves, P. (2008). Preposições. Retrieved July 28, 2017, from <http://gramaticaportuguesa.blogs.sapo.pt/5865.html>
- Boyd, M. (2014). A Crash Course in Proofreading Translations. Retrieved April 30, 2017, from <http://dialogos.ca/2014/05/crash-course-proofreading-translations/>
- Ccaps Translation & Localization. (2008). O que é Memória de Tradução? Retrieved November 30, 2017, from <http://www.ccaps.net/blog/o-que-e-memoria-de-traducao/?lang=pt-br>
- Coface. (n.d.). Sobre a Coface. Retrieved August 7, 2017, from <http://www.coface.pt/Sobre-a-Coface>
- Dicionário inFormal. (n.d.). Terminologia. Retrieved November 30, 2017, from <http://www.dicionarioinformal.com.br/terminologia/>
- Direitos Humanos - Centro de Investigação Interdisciplinar - Universidade do Minho. (n.d.). Ricardo Alexandre Cardoso Rodrigues. Retrieved July 29, 2017, from <http://www.dh-cii.eu/investigadores/investigadores-colaboradores/216-ricardo-alexandre-cardoso-rodrigues>
- FNAC. (n.d.). O Efeito Trump e o Brexit. Retrieved August 1, 2017, from <https://www.fnac.pt/O-Efeito-Trump-e-o-Brexit-M-Jorge-C-Castela/a1030114>
- Gatestone Institute. (n.d.). About Gatestone Institute. Retrieved September 19, 2017, from <https://www.gatestoneinstitute.org/about/>
- Interpro - Translation Solutions. (n.d.). Translation Techniques. Retrieved August 16, 2017, from <http://www.interproinc.com/blog/translation-techniques>
- Investopedia. (n.d.). Agency Theory. Retrieved July 28, 2017, from <http://www.investopedia.com/terms/a/agencytheory.asp>
- Matos, M. (n.d.). Sobre Mim. Retrieved July 28, 2017, from <http://miguelmatos.pt/sobre-mim/>
- McKay, C. (2010). How to be a better proofreader. Retrieved April 30, 2017, from <http://www.thoughtsontranslation.com/2010/06/28/how-to-be-a-better-proofreader/>
- Merriam-Webster. (n.d.). Metalinguistics. Retrieved August 16, 2017, from <https://www.merriam-webster.com/dictionary/metalinguistics>
- Mezei, M. (2015). Tradução Assistida por Computador (CAT TOOLS). Retrieved November 30, 2017, from <https://meiremezei.wordpress.com/2015/09/02/traducao->

assistida-por-computador-cat-tools/

Moneysupermarket.com. (n.d.). How We Do Things. Retrieved August 6, 2017, from <http://www.moneysupermarket.com/hubs/how-moneysupermarket-works/>

Multi-Languages Corporation. (n.d.). Revision Guidelines for Translations. Retrieved August 10, 2017, from http://multi-languages.com/translations-shtml/translators_revisions-shtml/

Newell, R. (n.d.). The Ethics of Proofreading. Retrieved April 30, 2017, from <https://lingocode.com/the-ethics-of-proofreading/>

Oxford English Dictionary. (n.d.). Abbreviations. Retrieved August 7, 2017, from <http://public.oed.com/how-to-use-the-oed/abbreviations/>

Plataforma Editorial. (n.d.). Inteligencia Comercial. Retrieved July 28, 2017, from <http://www.plataformaeditorial.com/libro/845-inteligencia-comercial>

SDL. (n.d.). SDL Trados Studio. Retrieved July 26, 2017, from <http://www.sdl.com/software-and-services/translation-software/sdl-trados-studio/>

Significados. (n.d.). Significado de Glossário. Retrieved November 30, 2017, from <https://www.significados.com.br/glossario/>

Simple English Wikipedia. (n.d.). Microsoft Word. Retrieved September 2, 2017, from https://simple.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Word

Skillbrains. (n.d.). Lightshot. Retrieved September 2, 2017, from <https://app.prnscr.com/pt-br/index.html>

The Guardian (March 2, 2017). “Dutch elections: all you need to know” in *The Guardian*. Retrieved April 16, 2017, from <https://www.theguardian.com/world/2017/mar/02/dutch-parliamentary-elections-everything-you-need-to-know-brexit-vote-trump-geert-wilders>.

Vida Económica - Grupo Editorial. (n.d.). Lista de produtos por Autor M. Jorge C. Castela. Retrieved August 1, 2017, from http://livraria.vidaeconomica.pt/46_m-jorge-c-castela

Vida Económica - Grupo Editorial. (n.d.). Quem Somos. Retrieved July 25, 2017, from <http://www.vidaeconomica.pt/quem-somos-1>

Wikipedia. (n.d.). Amalio de Marichalar y Sáenz de Tejada. Retrieved August 5, 2017, from https://es.wikipedia.org/wiki/Amalio_de_Marichalar_y_Sáenz_de_Tejada

Wikipedia. (n.d.). Luis Bassat. Retrieved July 28, 2017, from https://es.wikipedia.org/wiki/Luis_Bassat

Wikipédia. (n.d.). Memória de tradução. Retrieved November 30, 2017, from https://pt.wikipedia.org/wiki/Memória_de_tradução

Wikipedia. (n.d.). Moneysupermarket.com. Retrieved August 6, 2017, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Moneysupermarket.com>

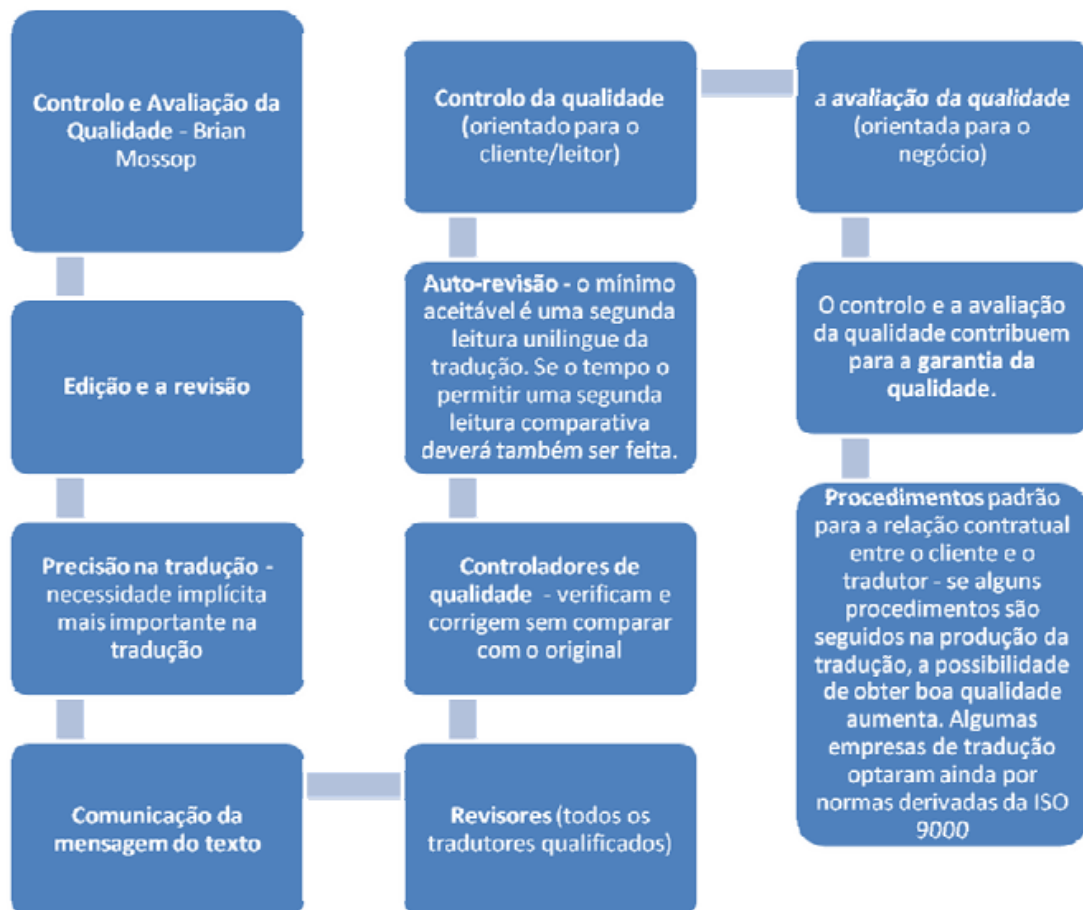
Wikipedia. (n.d.). Reddit. Retrieved September 19, 2017, from <https://en.wikipedia.org/wiki/Reddit>

Wikipedia. (n.d.). SDL Trados. Retrieved July 26, 2017, from https://en.wikipedia.org/wiki/SDL_Trados

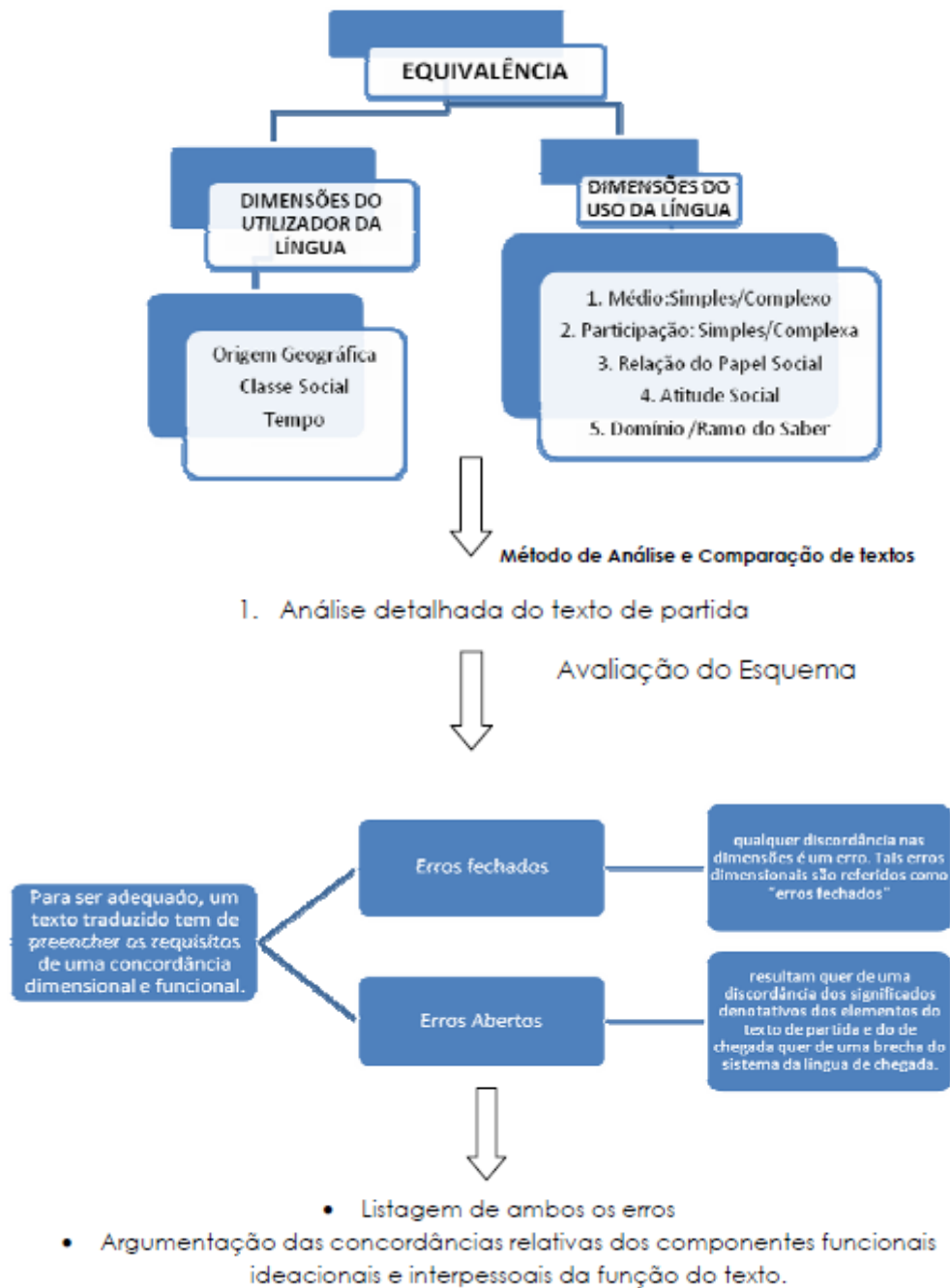
Wikipedia. (n.d.). Urban Dictionary. Retrieved September 2, 2017, from https://en.wikipedia.org/wiki/Urban_Dictionary

Anexos

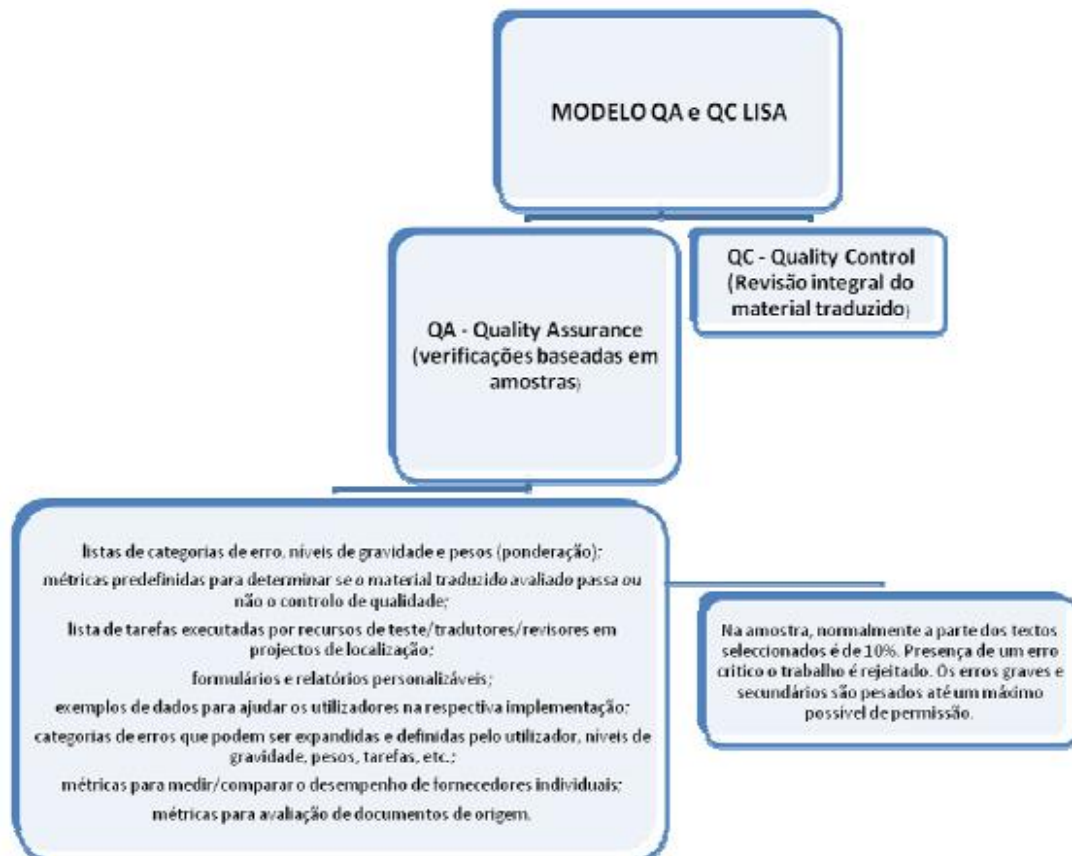
1. Modelo de Revisão de Brian Mossop (Garcia, 2009)



2. Modelo de Garantia de Qualidade de Julianne House (Garcia, 2009)



3. Modelo LISA de QA e QC e Exemplo de Formulário (Garcia, 2009)



4. Exemplo de Formulário (Schiaffino e Zearo, 2002, disponibilizado em Garcia, 2009)

Language:	Reviewer:	Date:	Result: <i>Pass</i>	Comments:	
Client Name					
Project Name					
Project Number					
Project Manager					
		Critical	max. error points + 1		
Number of words	0	Major	5 points		
Max error points	0	Minor	1 point		
Error Category	Minor	Major	Critical	total	max. allowed
Mistranslation	0	0	0	0	0
Accuracy	0	0	0	0	0
Terminology	0	0	0	0	0
Language	0	0	0	0	0
Style	0	0	0	0	0
Country	0	0	0	0	0
Consistency	0	0	0	0	0
			Total	0	0

More elaborate descriptions of the error criteria can be found in the LISA QA model version 1.0 Reference Manual.

5. Caminhos Para a Qualidade de Scott Bass (Garcia, 2009)

Caminhos que devem ser percorridos para a Qualidade				
<p>1º: qualidade dos materiais de fonte</p> <p>Documentos de fonte claros e concisos irão permitir traduções igualmente claras e concisas.</p>	<p>2º: domínio de bases</p> <p>Com materiais de fonte confiáveis em mão, instruções claras do cliente, um orçamento razoável e tempo suficiente, cabe ao fornecedor de serviços de língua e ao freelancer, simplificar o trabalho.</p> <p>Os tradutores devem colocar mais ênfase no básico e tarefas críticas tais como a pesquisa.</p>	<p>3º: consenso na qualidade</p> <p>O consenso no que se refere à qualidade na tradução pode ser alcançado, como demonstra a norma DIN 2345. A norma de qualidade da tradução define especificamente como um projecto de tradução deve ser executado, que tipos de informações são requeridos e quais devem ser as qualificações dos trabalhadores participantes. A norma DIN 2345 especifica as seguintes qualidades de tradução: perfeição, consistência terminológica, gramática correcta e estilo apropriado, aderência a um guia de estilo acordado.</p>	<p>4º: sistemas de gestão da qualidade</p> <p>Estabelecer um Sistema de Gestão de Qualidade formal. A estrutura do SGQ existe para reforçar comportamentos e interações próprios para melhorar continuamente a qualidade</p>	<p>5º: A qualidade dos tradutores.</p> <p>Um bom tradutor tem de ter experiência na área, formação, capacidades profissionais e técnicas.</p>

6. Anexos Multimédia (CD-ROM)

6.1. Tradução de *7 Habits of Successful Investors*

6.1.1. Original

6.1.2. Tradução

6.2. Tradução de *Macron Majority Gives His Reforms Momentum*

6.2.1. Original

6.2.2. Tradução

6.3. Tradução de *EMO Hannover 2017 Once Again a Trend Forum for Production Technology*

6.3.1. Original

6.3.2. Tradução

6.4. Tradução de Entrevista Sobre Desastres Naturais

6.4.1. Original

6.4.2. Tradução

6.5. Tradução de Texto Sobre a Cidade de Numância

6.5.1. Original

6.5.2. Tradução

6.6. Tradução da Contracapa e Biografia do Autor do Livro *Inteligência Comercial*

6.6.1. Original

6.6.2. Tradução

6.7. Tradução de *The Most Expensive Classic Cars*

6.7.1. Original

6.7.2. Tradução

6.8. Tradução de *Venezuela: The Crisis Worsens Further*

6.8.1. Original

6.8.2. Tradução

6.9. *Links dos Glossários Utilizados*